

**Luciana Cristina Santos Mazur**

**VERBOS INCOATIVOS EM PORTUGUÊS: UM  
ESTUDO DE SUAS VALÊNCIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Língua Portuguesa.

Orientador: Mário Alberto Perini

Belo Horizonte  
2006

FICHA CATALOGRÁFICA  
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M476v Mazur, Luciana Cristina Santos  
Verbos incoativos em português: um estudo de suas valências / Luciana  
Cristina Santos Mazur. Belo Horizonte, 2006.  
71f.

Orientador: Mário Alberto Perini.  
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas  
Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras  
Bibliografia.

1. Língua portuguesa - Verbos. I. Perini, Mário Alberto. II. Pontifícia  
Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós- Graduação em  
Letras. III. Título.

CDU: 806.90-25

**Luciana Cristina Santos Mazur**  
**Verbos incoativos em português: um estudo de suas valências**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Católica de Minas Gerais.  
Belo Horizonte, 2006.**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Elizabeth Fonseca Saraiva - UFMG

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Marco Antônio de Oliveira – PUC Minas

---

Prof<sup>o</sup> Dr Mário Alberto Perini (orientador) – PUC Minas

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Hugo Mari (Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras) –  
PUC Minas

## DEDICATÓRIA

Esta dissertação é dedicada:

A todos aqueles que acreditam ser possível mudar os paradigmas estabelecidos em se tratando de estudo da Língua Portuguesa, em especial ao Professor Dr. Mário Alberto Perini, um incansável estudioso que vem inovando os trabalhos em Lingüística de forma sensata, racional e, por que não dizer, ousada.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Mário Alberto Perini, por sua dedicação e pela paciência nos momentos difíceis que coincidiram com este trabalho.

Ao Leo, pelo companheirismo, paciência e estímulo para que eu pudesse levar este trabalho adiante.

À minha irmã Carmen, amiga em todos os momentos, a quem pude por tantas vezes entregar aos cuidados o meu pequeno Gabriel.

À Ana Lúcia e Ana Paula, pessoas tão queridas, que também se fizeram presentes como mães para meu filho nos momentos em que precisei estar ausente.

A todos os amigos e colegas que acompanharam com paciência e palavras de incentivo o desenvolver deste trabalho.

Aos funcionários da Pós-Graduação em Letras da PUC Minas, pela gentileza nos atendimentos às solicitações e pelos esclarecimentos precisos.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

## RESUMO

O presente estudo tenta permitir o aperfeiçoamento da concepção das transitividades verbais, tornando-a mais completa e abrangente do que a que é oferecida pela gramática tradicional (e que é seguida pela maioria das vertentes teóricas modernas).

O objetivo fundamental da pesquisa foi realizar o estudo descritivo de um aspecto da taxonomia dos verbos do português brasileiro, a saber, as diáteses dos verbos incoativos e terminativos, como *acabar*, *terminar*, *começar*, *iniciar*, *findar* etc, a partir de um levantamento amplo de dados seguidos de sua sistematização. O estudo das diáteses verbais é parte da informação que o falante precisa dominar a fim de inserir corretamente os itens léxicos nas diferentes construções da língua. Constitui um estudo da subclassificação dos verbos enquanto elementos estruturadores das sentenças produzidas pelos falantes. Ao fazer essa classificação, foram consideradas as relações entre os elementos formais e conceituais de cada sentença em que o verbo em estudo poderia aparecer e isso implicou definir determinados tipos de construções em que fosse possível a utilização do verbo. Com esta pesquisa, pudemos estabelecer o conjunto das diáteses dos verbos incoativos e terminativos da língua portuguesa, ou seja, todas as suas possibilidades de ocorrência, o que nos permitiu perceber como os estudos da regência verbal na Gramática Tradicional encontram-se, em grande parte, incompletos e precisam ser revistos com urgência.

Palavras-chave: Verbos incoativos – estudo descritivo – diáteses verbais

## **ABSTRACT**

The present study tries to allow the improvement of the verbal transitivity concept, making it more complete and more comprehensive than the one shown by the traditional grammar (which it is followed by the most modern theoretical lines).

The main goal of the research was to perform the descriptive study of one aspect of the taxonomy of the verbs present in Brazilian Portuguese, namely, the diathesis both inchoative and terminative verbs such as to finish, to end, to begin, to start and so on, from a wide range of data followed by their systematization. The study of the verbal diathesis is part of the information which the speaker needs to know in a concrete way in order to insert the lexical items correctly in different language constructions. It is a study of the subdivision of the verbs as structural elements of the sentences produced by the speakers. When this classification was made, the relations between both formal and conceptual elements of each sentence where the studied verb could appear was taken into consideration and this implied into a definition of determined kinds of constructions where the use of the verb was possible. With this research, we could establish the group of the diathesis of the inchoative and terminative verbs of the Portuguese language, that is, all their possibilities in which they can occur, and that provided us the perception of how the studies of verbal regency in Traditional Grammar are in most part incomplete and therefore they need to be revised urgently.

Key-words: inchoative verbs – descriptive study – verbal diathesis

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 RESENHA DA LITERATURA.....	13
1.1 O estudo da regência na Gramática Tradicional.....	13
1.2 O que a GT deixa de lado na análise da Regência.....	17
1.3 O estudo de Allerton.....	23
1.4 O estudo de Levin.....	24
CAPÍTULO 2.....	28
2.1 Definição de “verbo incoativo” .....	28
2.2 Verbos-eixo.....	30
2.3 “Verbo” considerado formalmente.....	31
2.4 Construções de particípio.....	31
2.5 Verbos auxiliares.....	33
CAPÍTULO 3.....	35
3.1 Díateses verbais e estrutura sentencial.....	35
3.2 Formulando díateses.....	38
3.3 Díateses: sua definição simbólica.....	47
3.4 Definindo as construções.....	48
3.4.1 <i>Construção Transitiva</i> .....	48
3.4.2 <i>Construção Ergativa</i> .....	49
3.4.3 <i>Construção Ergativa Inversa</i> .....	50
3.4.4 <i>Construção Transitiva de SPrep Paciente</i> .....	51
3.4.5 <i>Construção Qualificativa de Meta</i> .....	51
3.4.6 <i>Construção Qualificativa de Sprep Meta</i> .....	52
3.4.7 <i>Construção de Tema e Meta</i> .....	53
3.4.8 <i>Construção de Objeto Possuído</i> .....	54
CAPÍTULO 4 VERBOS INCOATIVOS.....	55
4.1 Os verbos-eixo utilizados neste estudo.....	55
4.2 Acabar.....	55
4.3 Começar.....	58
4.4 Outros verbos incoativos.....	59
4.4.1 <i>Verbos semelhantes a acabar</i> .....	60
4.4.1.1 <u>O verbo terminar</u> .....	60
4.4.1.2 <u>O verbo findar</u> .....	62
4.4.1.3 <u>O verbo concluir</u> .....	64
4.4.1.4 <u>O verbo parar</u> .....	64
4.4.1.5 <u>O verbo cessar</u> .....	66
4.4.2 <i>Verbos semelhantes a começar</i> .....	66

<b>4.4.2.1 <u>O verbo iniciar</u>.....</b>	<b>66</b>
<b>4.4.2.2 <u>O verbo principiar</u>.....</b>	<b>67</b>
<b>CAPÍTULO 5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>70</b>

## INTRODUÇÃO

Na literatura lingüística atual, existe pouca tradição de elaboração de relatórios descritivos e, por isso, faltam resultados pautados no levantamento e sistematização de dados em grande quantidade e ampla variedade.

Mas a exigência de exaustividade (na medida do possível) é fundamental para promover a testagem rigorosa das teorias, evitando-se favorecer uma imagem deformada da realidade lingüística em estudo. Sendo assim, a ênfase atual no uso de *corpus* deve ser vista como importante avanço metodológico, uma vez que os dados coletados poderão dar apoio às análises e teorias propostas, além de fornecerem um campo de testagem para as mesmas.

O objetivo fundamental desta pesquisa é o estudo descritivo de um aspecto da taxonomia dos verbos do português brasileiro, a saber, as diáteses dos verbos incoativos e terminativos, como *acabar*, *terminar*, *começar*, *iniciar*, *findar* etc, a partir de um levantamento amplo de dados. Tento basear-me em traços geralmente reconhecidos como importantes pela maioria dos lingüistas de todas as tendências – esses traços fazem parte do conhecimento prévio do falante para que ele possa codificar e interpretar mensagens.

Reconhece-se universalmente a importância do verbo para o processamento de estruturas sentenciais, já que ele é a pista principal que permite elaborar hipóteses sobre a organização formal e interpretação semântica da sentença. O estudo das diáteses verbais é parte da informação que o falante precisa dominar a fim de inserir corretamente os itens léxicos nas diferentes construções da língua. Constitui um estudo da subclassificação dos verbos enquanto elementos estruturadores das sentenças produzidas pelos falantes. Ao fazer esta classificação, são consideradas as relações entre os elementos formais e conceituais de cada sentença em que o verbo em estudo pode aparecer e isso implica definir determinados tipos de construções em que seja possível a utilização do verbo. Ao determinar as construções e nomeá-las, levaremos em conta a presença do verbo e seus complementos na sentença, além de averiguar a relação semântica que liga cada complemento ao verbo (Agente, Paciente etc).

Ao estabelecermos o conjunto das diáteses de um verbo, ou seja, todas as possibilidades de ocorrência do mesmo, teremos o que podemos chamar de valência verbal.

Faltam, porém, análises mais abrangentes dos verbos do português levando em conta suas diáteses (entre as poucas exceções, contam-se Wenceslau (2003) e Whitaker-Franchi (1989) ).

O presente estudo tenta permitir o aperfeiçoamento da concepção das transitividades verbais, tornando-a mais completa e abrangente do que a que é oferecida pela gramática tradicional (e que é seguida pela maioria das vertentes teóricas modernas).

Para ilustrar um caso de diátese relativamente bem conhecido, tomemos como exemplo o verbo *encher* nas duas estruturas abaixo:

[ 1 ] O homem encheu o balde rapidamente.

[ 2 ] O balde encheu rapidamente.

Podemos dizer, do ponto de vista da forma, que essas duas estruturas se diferenciam pela presença ou ausência de objeto direto. Mas há uma diferença importante de ordem simbólica: quando uma sentença com *encher* apresenta objeto direto, o sujeito é interpretado como Agente; quando não há objeto direto, o sujeito é Paciente. Já se compararmos [2] e [3]

[ 3 ] Esse remédio cura rapidamente

podemos dizer que [ 2 ] e [ 3 ] apresentam mesma estrutura sintática, mas que há uma diferença semântica fundamental: em [3], embora não haja objeto direto, o sujeito é Agente (entendo aqui o Agente como elemento causador, voluntário ou não).

Isso mostra como uma classificação puramente formal ou puramente semântica deixa escapar aspectos importantes do funcionamento dos verbos. É necessário assumir uma perspectiva simbólica - no sentido de Langacker (1987) -, isto é, de relação entre forma e significado, e só assim se pode caracterizar o conhecimento que é necessário ao usuário para produzir e interpretar as

estruturas da língua. Ou seja, há verbos como *curar*, cujo sujeito é sempre Agente, e verbos como *encher*, cujo sujeito será Agente ou Paciente, dependendo de traços da construção em que ocorre. A isso se chama o estudo das diáteses verbais: a classificação dos verbos conforme suas propriedades simbólicas.

A construção exemplificada em [1] e [3] se denomina *transitiva*, e a construção de [2] se chama *ergativa*. Mas a variedade de construções é muito grande, e não se fez até o momento um mapa de todas as possibilidades. É nosso objetivo fazer esse mapeamento, dentro do campo delimitado dos verbos incoativos.

Nesta pesquisa, o verbo-eixo utilizado é *acabar*, o qual serviu de ponto de partida para o levantamento. Primeiramente, foram listadas as possíveis diáteses desse verbo, com base em dados em parte provenientes de *corpus* da língua falada do Brasil (Hora e Pedrosa, 2001; NURC, 2002), complementados com dados da introspecção e da observação informal. Em seguida, foram investigados outros verbos de semântica semelhante, com base na hipótese de trabalho de Levin (1993) de que as diáteses são em grande parte determinadas pela semântica de cada verbo.

A orientação do trabalho é descritiva, ou seja, enfatiza levantamento e sistematização de dados. O quadro teórico é fornecido, em grande parte, por Perini (*ms*), orientador desta pesquisa, a qual faz parte de um projeto mais amplo de Perini sobre o estudo das valências do português do Brasil.

Além disso, a pesquisa segue a orientação da Gramática Cognitiva (Langacker, 1987; 1999), que defende a descrição da estrutura explícita (superficial ou do espaço fonológico) e suas relações, tão diretas quanto possível, com a representação semântica (espaço semântico).

O uso das construções como instrumento descritivo é inspirado em parte no trabalho de Goldberg (1995), e segue alguns pressupostos teóricos expressos em Culicover e Jackendoff (2005). Os trabalhos de Perini, Langacker e Culicover & Jackendoff formam o quadro teórico dentro do qual se encaixa a presente pesquisa.

Para desenvolver o estudo, foi necessário determinar o como os estudos da Gramática Tradicional vêem a regência verbal e se há estudos que vão de encontro ao que a GT propõe, conceitos discutidos no capítulo 1. Para isso,

buscamos fundamentação em alguns autores como Cegalla (2000), Sacconi (1994), Mesquita (1996) e Kury (1985). Comentamos, ainda, os estudos de Allerton (1982) e de Levin (1993) sobre os verbos.

No capítulo 2, é apresentada a delimitação do estudo, a definição de verbo incoativo e de verbo-eixo, são feitas considerações sobre o que é considerar o “verbo” formalmente e apresentam-se as situações que serão deixadas de lado no presente estudo.

No capítulo 3, são feitas considerações sobre o que vem a ser o estudo dos verbos a partir de suas diáteses, o que implica falar de propriedades simbólicas das formas verbais. Assim, comenta-se a formulação das diáteses partindo da análise de complementos das frases, suas funções sintáticas, sua classe e papéis temáticos. Além disso, apresentam-se as construções que se associam ao estudo dos verbos-eixo desta pesquisa – no caso, os verbos *acabar* e *começar* – e comentam-se os casos que serão deixados de fora do estudo.

O capítulo 4 apresenta os verbos-eixo utilizados neste estudo, as possibilidades de ocorrência dos mesmos e outros verbos incoativos que se assemelham a eles.

Finalmente, apresentamos as conclusões gerais do trabalho no capítulo 5.

## CAPÍTULO 1 - RESENHA DA LITERATURA

Antes de entrarmos propriamente no estudo das valências verbais, gostaria de fazer referência a dois trabalhos sobre o assunto, que são de particular importância para o estudo desse fenômeno: os textos de Allerton (1982) e Levin (1993). Antes disso, vale fazer uma breve crítica ao tratamento das valências (“regência verbal”) em gramáticas tradicionais.

### 1.1 O estudo da regência na Gramática Tradicional

As gramáticas escolares classificam os verbos da língua em cinco classes quanto à transitividade, a saber: verbos *intransitivos*, *transitivos (diretos, indiretos, diretos e indiretos)* e *verbos de ligação*.

Os verbos *intransitivos* são aqueles que, por natureza, apresentam sentido completo. Segundo Cegalla (2000), são os verbos de transitividade completa, que podem por si constituir o predicado.

Enunciados como

*As crianças correm.*

*Os balões caem.*

*A mão inchou.*

constituiriam exemplos de frases com verbos *intransitivos*.

Para Kury (1985), são habitualmente *intransitivos* os verbos de fenômenos naturais ou acidentais (como *chover, morrer, acontecer, ocorrer, acordar, surgir* etc.); certos verbos de ação, que exprimem fatos causados por um ser capaz de executá-los, um agente: *ler, brincar, trabalhar, correr, voar* etc; verbos de movimento ou situação: *chegar, partir, ir, seguir, vir, morar, estar, ficar* etc. Seria próprio do verbo *intransitivo* fazer “simultaneamente as vezes de verbo de ligação, sem, contudo, perder seu valor nocional.” (KURY, 1985, p.29) Nestes casos, o

verbo *intransitivo* estaria ligando o sujeito a um nome predicativo que exprimisse o estado ou a condição do sujeito ao dar-se o fato mencionado, como se vê em:

*Vai feliz e calmo o rapaz.*

*Olhou consternado.*

*Saiu apressado.*

Os estudos da Norma Gramatical Brasileira (NGB) apontam ainda que o verbo *intransitivo* não necessita de complemento para tornar mais claro o processo verbal. Há autores, como Mesquita (1996), que afirmam que o verbo *intransitivo* transmite toda a informação a respeito do sujeito. Segundo esse autor, “junto ao verbo, muitas vezes surgem palavras ou expressões que ampliam a informação que ele contém, mas que não são essenciais para que se complete a idéia que o processo verbal indica”. (MESQUITA, 1996, p.393)

Dessa forma, *cair*, por exemplo, é visto como um verbo que não precisa de complemento para que se compreenda o sentido da frase. As informações dadas na frase apenas teriam a função de acrescentar dados à ação de *cair*, ampliando a compreensão do sentido do verbo, uma vez que poderiam indicar, por exemplo, tempo, lugar ou causa, como se vê, respectivamente, em:

*O rapaz caiu depois dele.*

*Uma pessoa caiu junto ao salão de festas.*

*A criança caiu por causa da casca de banana.*

Segundo Sacconi (1994), qualquer verbo pode ser usado intransitivamente, como se vê em “*Quem ama geralmente não pensa.*” e “*Comi, bebi, cantei à vontade.*” (SACCONI, 1994, p.198)

Os verbos *transitivos* são aqueles que, para integrar o predicado, necessitam de outros termos. São, conforme Cegalla (2000), verbos de transitividade incompleta como, por exemplo, *puxar*, *invejar* e *simpatizar*. Esses verbos precisam de complemento que integre o sentido do predicado. Classificam-se em *transitivos diretos*, *transitivos indiretos*, *transitivos diretos e indiretos*.

Os verbos *transitivos diretos* transitam diretamente para o complemento, sem que haja a presença de preposição obrigatória:

*Li o livro.*

*Comprei o doce de leite.*

Segundo a NGB, os verbos *transitivos* em geral podem ser usados na voz passiva, além de poderem receber, como objeto direto, os pronomes *o, a, os, as: convidado-o, encontro-as* etc. Para Cegalla (2000), ocorre também de esses verbos poderem ser construídos acidentalmente com preposição a qual lhe acrescenta novo matiz semântico: *arrancar da espada; puxar da faca; cumprir com o dever.*

Já os *transitivos indiretos* são os verbos que têm seu sentido integralizado por um objeto indireto, isto é, um complemento – substantivo ou pronome substantivo – que vem obrigatoriamente regido de preposição sem valor circunstancial:

*Paguei ao padeiro.*

*Lembrava-se de tudo.*

*Pensou na namorada.*

Segundo Cegalla (2000), há verbos *transitivos indiretos* que admitem mais de um tipo de preposição, sem mudança de sentido, como *contentar-se* e *investir*. Outros mudam de sentido com a troca da preposição, como nos exemplos:

*Trate de sua saúde.* (tratar = cuidar)

*É ruim tratar com pessoas desonestas.* (tratar = lidar)

Ainda segundo Cegalla, verbos como *aspirar, dispor, servir*, etc variam de significação conforme sejam usados como *transitivos diretos* ou *indiretos*.

*Paguei o remédio e saí.* (pagar = verbo *transitivo direto*)

*Paguei ao médico.* (pagar = verbo *transitivo indireto*)

Verbos *transitivos diretos e indiretos* são os que requerem, simultaneamente, além do objeto direto, o acréscimo de outro complemento, o objeto indireto:

*Ela sempre dava roupas aos pobres.*

*Ceda o lugar aos mais velhos.*

Segundo Kury (1985), certos verbos de movimento ou de situação ( *chegar, ir, vir; estar, ficar, morar* etc), quando necessitam de complemento adverbial que lhes integre o sentido, apesar de tradicionalmente serem classificados como *intransitivos*, devem ser considerados *transitivos adverbiais*.

Para esse autor, esses verbos apresentam um carácter de incomplementação quanto à idéia que representam e, se definimos transitividade associada a esse carácter de incomplementação da idéia principal que um verbo veicula, logo os verbos *transitivos* não serão somente os verbos de ação. Assim como *pertencer a* pede complemento que designa o possuidor, *ir a* pede uma indicação de lugar. Ambos os verbos podem ser considerados *transitivos*.

Os *verbos de ligação* são verbos vazios de significado, sendo sua função indicar estado, qualidade ou condição do sujeito. É comum encontrarmos referência aos *verbos de ligação* como sendo verbos que servem denexo entre o sujeito e o predicativo. Exemplos:

*O lugar é deserto.*

*O arroz está salgado.*

*A lua parecia um queijo.*

*O fato pareceu-lhe estranho.*

*As crianças tornaram-se rebeldes.*

Além disso, eles exprimem ainda os diversos aspectos sob os quais se considera a qualidade atribuída ao sujeito. O verbo *ser*, por exemplo, traduz aspecto permanente, e o verbo *estar*, aspecto transitório:

*Ele é doente.* (= aspecto permanente)

*Ele está doente.* (= aspecto transitório)

Segundo Cegalla (2000), muitos dos *verbos de ligação* passam à categoria de verbos *intransitivos* em frases como: “*Era* (= existia) uma vez uma princesa. / Eu não *estava* em casa. / *Fiquei* à sombra. / *Anda* com dificuldades. Parece que vai chover.” (CEGALLA, 2000, p.311)

Para Sacconi (1994), os verbos *intransitivos* e os *transitivos* podem ser considerados verbos nocionais; já os *de ligação* são verbos não nocionais, porque são totalmente vazios de significado.

Percebe-se, entre diversos autores da NGB, que os verbos, relativamente à transitividade, não apresentam classificação fixa, imutável. É conforme a regência e o sentido que apresentam na frase que podem pertencer ora a um grupo, ora a outro. Assim, vemos exemplos como os seguintes, em que uma mesma forma verbal pode ser classificada diferentemente quanto à transitividade:

*O homem anda.* (intransitivo)  
*O homem anda triste.* (de ligação)  
*O cego não vê.* (intransitivo)  
*O cego não vê o obstáculo.* (transitivo direto)  
*Deram 12 horas.* (intransitivo)  
*A terra dá bons frutos.* (transitivo direto)  
*Não dei com a chave do enigma.* (transitivo indireto)  
*Os pais dão conselhos aos filhos.* (transitivo direto e indireto)  
 (CEGALLA,2000, p. 312)

## **1.2 O que a GT deixa de lado na análise da Regência**

Descrever os fatos da língua implica tarefa que busque precisão, de modo a explicitar com clareza aquilo que se afirma a partir de confronto com dados. Segundo Perini (2006), para uma definição ser realmente útil, ela tem que permitir a uma pessoa que não conhece a coisa definida identificá-la com base na definição; do contrário, de nada valerá definir. Sendo assim, as afirmações gramaticais precisam apresentar termos claramente compreensíveis e bem definidos. Não é o caso das definições referentes à regência verbal que encontramos nas gramáticas escolares de maneira geral. Ocorre que as

afirmações que se fazem não são suficientes para que as apliquemos aos verbos da língua portuguesa. São insuficientes, além de, muitas vezes, não apresentarem informações claras, lógicas e aplicáveis.

Antes de mais nada, parece que os estudos gramaticais sobre a regência dos verbos não levam em conta o fato de que uma língua é um sistema de relacionamentos entre formas e significados. O estudo da classificação da regência – e isso se estende para qualquer outra classe da língua - deve partir da análise das formas, seus respectivos significados e das associações possíveis entre eles, ou seja, suas relações simbólicas (veremos, nos próximos capítulos, como isso se dá de maneira mais abrangente).

Ao contrário disso, ao analisar um verbo como, por exemplo, *simpatizar*, a GT simplesmente nos informa que se trata de um verbo que “pede objeto indireto regido da preposição com” (CEGALLA, 2000, p.467) e ainda nos acrescenta tratar-se de verbo não pronominal. A definição é falha quando esbarra no que vem a ser um verbo *transitivo indireto*, já que é possível encontrar verbos *intransitivos* seguidos de SN antecedido por preposição *com*, como o verbo *sair* em *Ele saiu com a namorada ontem*, e que podem ser considerados como verbos sem significação completa para o usuário da língua, assim podendo ser confundidos com verbo *transitivo indireto*. Dessa forma, definir a regência de *simpatizar* a partir da necessidade de complemento objeto indireto é pouco. A GT não nos dá clareza sobre quando um termo que completa a idéia de um verbo é objeto indireto ou simplesmente um adjunto, como ocorre com *com a namorada* acima.

Outro problema é que a GT considera o contexto em que um verbo é usado para classificá-lo. Assim, os verbos, segundo as informações gramaticais correntes, podem se apresentar atendendo às classificações de *intransitivo*, *transitivo direto*, *transitivo indireto*, *transitivo direto e indireto* ou *verbo de ligação*, dependendo da situação em que forem utilizados. A GT afirma que verbos não têm classificação fixa, imutável e, conforme a regência que apresentam, podem ora pertencer a um grupo ora a outro. A classificação da transitividade permite, assim, uma oscilação, como se vê em exemplos como *A borboleta morreu (intransitivo)* e *A borboleta morreu uma morte lenta (transitivo direto)*.

Porém classificamos as formas de modo a termos instrumentos que nos permitam construir, processar e compreender as expressões lingüísticas, de maneira que não podemos dizer que um verbo ora é verbo *transitivo direto*, ora é verbo *intransitivo*. Sendo assim, a classificação tradicional não se sustenta, pois é condicionada aos objetivos descritivos dos enunciados dependendo do momento em que são construídos. Isso implica dificuldade para o usuário da língua. Como saber identificar quando um verbo *intransitivo* passa ocasionalmente a *transitivo direto* ou *indireto*? Cegalla (2000) afirma ser possível essa mudança de classificação, ao afirmar que verbos *intransitivos* passam, ocasionalmente, a *transitivos* quando construídos com objeto direto ou indireto, apontando exemplos como:

*Inutilmente, minha alma o chora!*  
*Depois me deitei e dormi um sono pesado.*  
*Inútil tentativa de viajar o passado, penetrar no mundo que já morreu...*  
*Sorriu para Holanda um sorriso ainda marcado de pavor.*  
 (CEGALLA, 2000, p.308)

Ora, se um verbo tem significação completa (isto é, é *intransitivo*), não passa a ser incompleta em determinado momento (ou passa?).

Por outro lado, a GT tenta criar mecanismos de defesa para sua classificação obscura partindo para o significado dos verbos. Assim, um verbo como *aspirar*, se usado no sentido de ‘desejar’, ‘pretender’, será classificado como *transitivo indireto*, devendo ser completado por objeto indireto iniciado pela preposição *a*, como se vê em

*Ele aspirava a uma posição melhor na empresa.*

Porém, esse mesmo verbo, usado no sentido de ‘inalar’, ‘sorver’ (ar, pó, gás etc), recebe a classificação de *transitivo direto*:

*O rapaz aspirava com alegria o ar daquele lugar.*

Sabemos que há muitos outros verbos na língua como *aspirar*. Temos, por exemplo, *assistir*, *visar*, *querer*, etc que apresentam estrutura semântica

variável, e a GT os classifica de mais de uma maneira dependendo da situação contextual em que são usados. Assim, temos *assistir* ora sendo classificado como *intransitivo* (no sentido de ‘morar’), ora como *transitivo indireto* (sentido de ‘presenciar algo’, ‘ver’), dentre outras possibilidades de classificação. E assim as várias classificações de transitividade dos verbos da língua vão sendo apresentadas.

Contudo, segundo Perini (*ms*), uma forma não pode pertencer a mais de uma classe. Todas as gramáticas incluem uma classificação de palavras, o que aponta para o fato de que classificar é algo muito importante quando se trata de estudos descritivos da língua. Mas, antes de classificar, é preciso estabelecer os objetivos dessa classificação, os quais podem variar conforme o tipo de fenômeno que está sendo descrito no momento.

Dessa forma, para classificarmos os verbos da língua, dentro da perspectiva da morfologia, é fundamental os classificarmos em verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugações, uma vez que a morfologia do verbo depende estritamente da conjugação a que ele pertence. Importante também é classificá-los em regulares e irregulares. Porém se a intenção é classificar um verbo quanto às possibilidades de complementos que pode apresentar, temos que considerar uma classificação que considere objetivos diferentes. Sabemos que alguns verbos podem aparecer com objeto direto, como *ler* (*eu li o texto*), e outros não podem, como *acordar*. Nestes casos é possível que classifiquemos, respectivamente, esses verbos em *transitivos diretos* e *intransitivos*, se seguirmos a classificação da GT.

Ao mesmo tempo, se considerarmos um dos verbos que admitem mais de uma significação (como os acima citados: *aspirar*, *assistir*, *visar* etc), cairemos numa contradição. Não poderemos incluí-los em duas ou mais classes, já que classificar é estabelecer um traço definitivo do objeto em análise, o que implica que ele receba determinada classificação por apresentar propriedades específicas, independente de contexto.

Fugindo ao universo dos estudos lingüísticos, podemos, por exemplo, afirmar que um objeto pode ser classificado como *mesa*, independente de seu material – madeira, vidro, pedra etc – já que apresenta características que possibilitam defini-lo como tal: móvel que serve para escrever, trabalhar, jogar, comer. Porém, como classificar os verbos *aspirar*, *assistir* e tantos outros que ora

podem receber um complemento, ora não? Aqui entro com a possibilidade de dizer que estamos agindo de forma inconsistente quando se trata de classificar esses verbos e todos os demais da língua. Não se trata de estabelecer classes para os verbos e sim, suas possibilidades funcionais.

Falar de função seria o mais correto em se tratando de analisar os verbos da língua quando se tenta a análise das ocorrências dos mesmos, com ou sem complemento. Segundo Perini (*ms*), uma função é definida em termos de um contexto, é a relação (de ordem, de concordância, de papel temático – Agente, Paciente etc) que existe entre as unidades dentro de uma sentença específica. As funções são relações sintagmáticas (uma forma tem uma função em determinado contexto – por exemplo, *João* é sujeito na frase *João fuma*). Mas as classes são relações paradigmáticas, porque se definem em termos do potencial funcional das formas. Assim, *gordo* pode ser núcleo de um sintagma nominal (*um gordo*), modificador (*um rapaz gordo*) ou predicativo (*João é gordo*). Pertence a uma classe definida pela possibilidade de ocupar essas três funções (chamo a essa classe “nominais”).

A valência de um verbo é o conjunto de suas potencialidades de ocorrência na oração – logo, trata-se de um potencial funcional, e por isso define uma classe. Por exemplo, o verbo *aspirar* pode ocorrer na diátese transitiva [SN(Ag) V SN (Pac)] ou na de objeto indireto (definida como [SN(Experienciador )V Prep SN(Causador de Experiência).

Esse é o seu potencial funcional, e a base de sua classificação junto com outros verbos: *gostar, detestar, desconfiar* etc.

O estudo dos verbos, como se vê, se faz também através de classificações. Só que a definição de uma classe não se faz com relação a um contexto (ou seja, não se pode dizer “o verbo V é da classe X nesta frase”). O que a GT faz é confundir classes e funções, definindo classes com referência a contextos. As classes, ao contrário, se definem em relação à estrutura da língua, independente de contextos particulares. Segundo Perini (*ms*), se perguntarmos a uma pessoa que tenha um mínimo de instrução gramatical a que classe pertence a palavra *João*, ela vai responder que é um “substantivo”, já que denota um ser, o que é próprio dessa classe. Mas se a pergunta feita for “Que função sintática tem a palavra *João*?”, não fará sentido, pois fora de contexto *João* não tem função

sintática. Pode, por exemplo, ser sujeito ou objeto direto, visto que se trata de um SN. Porém se perguntarmos que função *João* ocupa em *João saiu cedo hoje*, aí será possível afirmar que é sujeito.

Dessa forma, se as funções é que se verificam dependendo do contexto de uso de uma palavra ou expressão, o estudo dos verbos quanto à transitividade não é pertinente se feito através de classificação em contexto, conforme nos oferece a GT. Seria muito mais um estudo de funções, o que, conseqüentemente, acarretaria nova nomenclatura. Nesse contexto, poderíamos analisar os verbos acima citados que ora podem se apresentar nas sentenças que produzimos seguidos de complemento, ora não, como nas frases

*Abri a caixa com cuidado.*

*O pára-quedas abriu.*

*Ana ficou indecisa.*

*Ana ficou em casa.*

É importante lembrar que as funções podem ser sintáticas ou semânticas. Enquanto as primeiras referem-se à ordem das palavras nas sentenças (se uma unidade vem antes ou depois de outra), ou à presença de certos morfemas, como no caso da concordância; as segundas se referem às relações de significado que se estabelecem entre as palavras das frases, como seus papéis temáticos.

Podemos definir o papel temático como a relação de significado que liga uma palavra que exprime ação, estado ou evento (muitas vezes um verbo, mas nem sempre) com as unidades que exprimem os participantes dessa ação, estado ou evento. (PERINI,*ms*)

Ou seja, o papel temático é uma função semântica, e como tal se define em contexto. Por isso, podemos dizer que o sintagma *João* é Agente na frase *João fuma*, mas Paciente na frase *João desmaiou*.

Para exemplificar, na frase *O rapaz mordeu a irmã*, *o rapaz* é o ser que pratica a ação e *a irmã* designa a pessoa que sofreu a ação. O falante da língua sabe que *o rapaz* vem antes do verbo, e *a irmã* vem depois; além disso, ele sabe que o verbo *morder* implica uma significação que lhe permite entender que esse sintagma que antecede o verbo da frase é o Agente ( *o rapaz*) e o que vem

posposto a ele é o Paciente (*a irmã*). Sabe também que *o rapaz* é sujeito, já *a irmã* é objeto direto. Ou seja, sujeito e objeto referem-se a funções sintáticas, já que são aspectos da organização formal da sentença. Agente e Paciente são aspectos “da paisagem mental que existe originalmente na mente do emissor, e que o receptor reconstrói com base nas informações formais.” (PERINI, *ms*)

A relação do espaço formal com o semântico é o que podemos denominar de relação simbólica, e o estudo dos verbos deve partir desse caminho, através do estudo de construções em que podem ocorrer.

### 1.3 O estudo de Allerton

Allerton (1982) chegou a realizar um levantamento dos verbos do inglês e elaborou uma lista das construções relevantes para sua subcategorização. Porém, segundo Perini (*ms*), a utilidade de seu trabalho é limitada por alguns aspectos do modelo empregado, apesar do caráter pioneiro da obra, que inclui discussões a respeito de muitos problemas ligados à formulação de diáteses.

Para Perini (*ms*), há dois problemas fundamentais no estudo de Allerton (1982). O primeiro é que ele usou um modelo transformacional, distinguindo uma estrutura subjacente e definindo as diáteses em termos dessa estrutura subjacente. Com isso, para Allerton (1982), ativas e passivas representam uma mesma construção, porque ambas seriam derivadas da mesma estrutura subjacente. Uma frase como *Fagin was seen by Oliver* “Fagin foi visto por Oliver” tem como sujeito *Oliver* para efeito de diátese.

[em *Fagin was seen by Oliver*] encontramos que, embora o sujeito superficial seja agora *Fagin*, o sujeito de valência com seu papel temático de “experienciador” pode ser mantido como *Oliver* [...]  
(ALLERTON, 1982, p. 43)

A objeção de Perini(*ms*) ao modelo transformacional é que este pressupõe uma relação abstrata entre estruturas diferentes, e os argumentos em favor dessa relação são insuficientes. Ou seja, as estruturas analisadas como

transformacionalmente relacionadas por Allerton (1982) e outros autores podem ser relacionadas de maneira concreta em termos de semelhança semântica e / ou sintática. Por exemplo, as frases topicalizadas se parecem com suas versões não-topicalizadas porque têm com elas uma relação sintática sistemática (a posição diferente de um sintagma, que aparece no início da frase) e uma relação semântica sistemática (são sinônimas no que se refere a seu conteúdo proposicional). Isso significa que postular uma relação transformacional entre as duas estruturas é descritivamente supérfluo.

Para Perini (*ms*), o segundo problema dos estudos de Allerton (1982) é que ele não leva em conta o plano semântico para a definição das diáteses, e, assim, só existe uma construção da forma SN + V, exemplificada por *Fido barked* “Fido latiu”. Isso mascara diferenças importantes, como a que existe entre o verbo *comer*, que pode ocorrer sem objeto, mas tem sujeito Agente e Paciente subentendido e o verbo *assustar*, que ocorre sem objeto com sujeito Paciente e sem Agente subentendido, como se vê em:

*Aquele menino come muito.*

*O menino se assustou.*

Para Allerton (1982), *comer* e *assustar*, portanto, ocorreriam nas mesmas construções (SN + V e SN + V + SN). Perini (*ms*), porém, sustenta que esses verbos são de subclasses diferentes.

Apesar de esses problemas serem imputados ao modelo de Allerton (1982), a lista de construções que ele apresenta é útil como ponto de partida para novos levantamentos sobre os verbos.

#### **1.4 O estudo de Levin**

Para Perini (*ms*), o livro de Levin (1993) é o trabalho mais importante na área do estudo de valências verbais. É uma obra fundamental, repleta de idéias e exemplos fecundos, e constitui um ponto de partida indispensável para quem quer

que deseje se aprofundar no assunto. Dessa forma, as críticas que se seguem pretendem apenas aperfeiçoar certos aspectos da perspectiva adotada por Levin (1993), sem desmerecer a importância de sua pesquisa.

Em seu trabalho, Levin (1993) aparentemente pressupõe que há uma relação íntima entre o significado e o comportamento sintático dos verbos (no que diz respeito às diáteses, pelo menos). Por exemplo, diz ela:

Se o comportamento distintivo das classes de verbos em relação às alternâncias de diáteses decorre de seu significado, qualquer classe de verbos cujos membros funcionam paralelamente quanto às alternâncias de diáteses deve ser uma classe semanticamente coerente: seus membros devem compartilhar pelo menos algum aspecto de seu significado. (LEVIN, 1993, p.14)

Conforme Perini (*ms*), isso pode valer como uma hipótese a ser investigada e eventualmente confirmada total ou parcialmente. Para ele, Levin (1993) não explicita um fator essencial na conceituação das diáteses, que é a capacidade ou não de uma construção de subclassificar os verbos.

Ou seja, o fato de se detectar uma diferença semântica ou formal entre duas frases não significa automaticamente que estas sejam representantes de duas construções diferentes – é o caso das frases topicalizadas, que apesar de se distinguirem formalmente de suas versões não topicalizadas, não podem ser consideradas base para uma diátese verbal, porque os verbos não se dividem entre os que admitem e os que não admitem topicalização. (PERINI, *ms*)

Perini (*ms*) afirma que, de uma maneira ou outra, Levin (1993) escapa de incluir em sua lista de diáteses construções claramente não-classificatórias, isto é, que valem para qualquer verbo da língua, e portanto não podem servir de base para uma subcategorização dos mesmos (como frases topicalizadas, clivadas, negadas ou interrogadas), o que mostra que, pelo menos implicitamente, ela estaria aplicando o princípio de que relevância para a subclassificação é critério para a postulação de uma nova diátese.

Além disso, é possível perceber que as distinções entre as diáteses de Levin (1993) são, por vezes, muito finas, a ponto de serem gramaticalmente irrelevantes. Tudo isso resulta em um número de diáteses maior do que o desejável. Perini (*ms*) prefere apostar em uma descrição mais ampla, desprezando certos detalhes, apesar de reconhecer que o limite de detalhamento é inevitável.

Em seu estudo das diáteses, Levin (1993) as agrupa em “alternâncias”, isto é, grupos de construções consideradas como tendo algo em comum. Para Perini (*ms*), ela não discute explicitamente o que vêm a ser as alternâncias, o que pode ser entendido como relações de natureza transformacional. Ao tratar de “alternâncias de transitividade”, ela diz que envolvem uma mudança na transitividade de um verbo: “Essas alternâncias têm a forma de ‘SN V SN’ alternando com ‘SN V’ ou então ‘SN V SN’ alternando com ‘SN V SPrep’.” (LEVIN, 1993, p.25)

Segundo Perini (*ms*), essa posição de Levin (1993) revela que ela aceita uma relação privilegiada entre certas construções, o que configura um modelo transformacional..

Perini (*ms*) não vê vantagens em aceitar essas relações privilegiadas. Segundo ele, uma frase como

(1) *Os meninos tocaram a campainha.*

se relaciona com

(2) *A campainha tocou.*

não em virtude de operações gramaticais específicas, mas por causa de sua semelhança semântica: ambas têm uma ação (“tocar”), sendo que em [1] o Agente é expresso (“os meninos”), e em [2] este fica não-especificado. Isso é decorrência automática da interpretação que se atribui a essas frases e do fato de que elas são preenchidas, em parte, com os mesmos itens léxicos.

Perini (*ms*) adota uma posição estritamente não-transformacional: cada construção é gerada e interpretada independentemente, e quaisquer semelhanças entre elas são resultado de semelhanças no processo de geração e/ou interpretação. Isso exclui a noção de “alternância”, de maneira que ele fala simplesmente de “construções” (em geral) e “diáteses” (quando uma construção é relevante para a formulação da subcategorização dos verbos).

Ainda segundo Perini (*ms*), um problema com a lista de Levin (1993), que limita sua utilidade, é a ausência de qualquer tentativa explícita de análise das

diversas construções utilizadas. Assim, ela dá um nome a cada uma de suas “alternâncias” e acrescenta exemplos; mas não inclui uma análise sintática e semântica, embora esta esteja certamente implícita. Fica a cargo do leitor deduzir do que é exatamente que ela está falando em cada caso. Além disso, Perini (*ms*) afirma que Levin (1993) em geral acrescenta comentários sobre a extensão da alternância (exceções e ocorrência de verbos nesta e em outras construções), sobre as relações semânticas encontradas (no caso, ela observa que o sujeito exerce o papel que o objeto direto exerce na forma transitiva desta alternância). No final, temos muita informação, mas apresentada de maneira um tanto informal e às vezes assistemática.

## CAPÍTULO 2 - DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

### 2.1 Definição de “verbo incoativo”

Muitos verbos exprimem início ou término de um processo; dentre esses, temos *começar*, *terminar*, *morrer*, *nascer* etc. Mas, dentro dessa classe geral, podemos distinguir dois grupos: primeiro, os que acarretam início ou término (IT) em decorrência de outros traços semânticos – assim, *nascer* acarreta o início de uma vida, *fechar* o término de uma ação específica etc. Esses verbos exprimem o IT de um processo específico, sendo o processo expresso no item léxico.

O segundo grupo, que é o dos verbos que chamo “IT” propriamente, e que são objeto deste estudo, exprimem IT sem vinculação a nenhum processo específico – exprimem, por assim dizer, IT em seu estado puro. Assim, o verbo *acabar* não se refere a nenhum processo identificável, e, portanto, é acompanhado, em geral, de um complemento que exprime esse processo. Por isso, dizemos *o barulho / a vida de Machado / a festa acabou*, mas esse tipo de especificação não se faz necessário para verbos como *morrer* (\**a vida de Machado morreu*).

Assim definidos, os verbos IT compõem um grupo fechado e relativamente pequeno: *acabar*, *iniciar*, *princípios*, *começar*, *terminar*, *findar*, *parar* e *cessar*.

Em outras palavras, alguns verbos exprimem o IT de um processo identificável a partir da própria semântica do verbo: *morrer* é o T de um “viver”, *abrir* é o I de um estado de “aberto”, *chegar* é o T de um deslocamento etc. Esse grupo constitui uma classe semântica muito grande, e provavelmente muito heterogênea quanto ao comportamento sintático e em especial quanto à valência.

Já os verbos IT, que nos interessam aqui, dependem da expressão de um argumento que especifica o processo que se inicia ou termina – esse processo não é identificável a partir da semântica do verbo. *Começar* pode se aplicar a qualquer processo; este se exprime através de um complemento não-oracional (*a festa começou*, *os pedreiros começaram a obra*) ou através de um complemento oracional (*os pedreiros começaram a fazer barulho*). Como só estou estudando a

ocorrência desses verbos no período simples, não é necessário discutir a análise dos mesmos como auxiliares, ou como verbos que tomam sujeito oracional. Para isso, ver Pontes, 1973.

Uma questão que será considerada nesta dissertação é a de até que ponto a classe dos verbos IT é homogênea no que diz respeito às valências de cada um. Já se pode adiantar, por exemplo, (embora isso não faça parte do presente estudo) que nem todos admitem complemento oracional (*começou a gritar; terminou de gritar; \*findou a/de gritar*). Nosso objetivo é fazer um levantamento completo das valências dos verbos dessa classe, o que permitirá, dentro do âmbito considerado, avaliar a validade da hipótese, aceita por Levin (1993), de que o comportamento de um verbo, em particular no que diz respeito à expressão e interpretação de seus argumentos, é em grande medida determinado por seu significado.

Taylor (2002) é ainda mais radical do que Levin (1993), quando afirma que

A expectativa [...] é de que os fatos sintáticos (e morfológicos) de uma língua sejam motivados pelos aspectos semânticos, e que possam ser exaustivamente descritos por meio de estruturas simbólicas.  
(TAYLOR, 2002, p.29)

Langacker assume, entretanto, uma posição mais realista, como se vê na seguinte passagem:

Obviamente, [...] a lista de membros de muitas classes gramaticais não é totalmente previsível com base em propriedades semânticas ou formais; por exemplo, a classe dos substantivos que sonorizam *f* em *v* no plural (*leaf / leaves, mas reef / reefs*) (LANGACKER, 1991, p.19; ver também 1987, p:420)

Ao que tudo indica, trata-se de uma questão empírica, a ser resolvida caso por caso. Não há condições no momento para se fazer afirmações de valor geral como a de Taylor (2002). Parece, com efeito, que há algum paralelismo entre forma e significado (por exemplo, nenhum objeto físico é designado através de uma preposição); mas há também certo grau de divergência. Somente um mapeamento amplo nos poderá fornecer o quadro geral válido para cada língua – e, posteriormente, o quadro geral válido para as línguas em geral.

A presente pesquisa pretende realizar uma (pequena) parte desse mapeamento.

## 2.2 Verbos-eixo

Para organizar a pesquisa das diáteses, é útil definir um *verbo-eixo*, isto é, um verbo típico cujas diáteses servem de ponto de referência para a descrição de outros verbos.

O estudo das diáteses de um grupo de verbos começa pela escolha de um verbo-eixo. Em seguida, deve ser coletado o máximo de construções em que esse verbo possa ocorrer. O passo seguinte será procurar dados, listar novas frases que possivelmente levem à postulação de novas construções, não presentes na lista inicial que serve de ponto de partida. A fonte de dados poderá ser exame de *corpus* de língua falada, introspecção e observações informais. Vale reforçar que o importante é que esses dados sejam submetidos a um exame rigoroso para classificação das construções. O resultado desse trabalho será uma lista preliminar de construções em que pode ocorrer o verbo-eixo.

Uma vez estabelecida a lista de diáteses do verbo-eixo, será necessário definir cada uma delas em termos simbólicos, o que implica observar que uma diátese não se vincula a um verbo enquanto entidade puramente formal ou puramente semântica e sim, a uma forma verbal associada a um significado particular.

Tomemos como exemplo o verbo *acabar* nas duas construções abaixo:

[1] *O rapaz acabou o exercício.*

[2] *O homem acabou louco.*

Notamos que os papéis temáticos do complemento pós-verbal são diferentes (*o exercício* é Paciente; *louco* é Meta), o que faz com que as diáteses desses dois exemplos difiram.

A próxima tarefa será procurar outros verbos que sejam semanticamente semelhantes ao verbo-eixo, ou seja, que possam ser colocados em um campo semântico análogo. Isso é motivado pela conveniência de testar afirmações como a de Levin (1993), de que o comportamento de um verbo, em particular no que diz respeito à expressão e interpretação de seus argumentos, é, em grande medida, determinado por seu significado.

Assim, teremos um grupo de verbos de significado análogo, acompanhados de suas respectivas valências, o que nos permitirá avaliar até que ponto afirmações como a de Levin (1993) são sustentadas pela pesquisa empírica.

### **2.3 “Verbo” considerado formalmente**

Neste trabalho, vamos considerar “o verbo” uma entidade fonológica e morfológica, ou seja, formal. Assim, um verbo com vários significados como, por exemplo, o verbo *pintar* é, para nós, um único item:

*Zé pintou a parede de verde.*

*Zé pintou lá em casa outro dia.*

*Esse menino está pintando demais.*

Isso porque temos que lembrar sempre que o objetivo da descrição gramatical é relacionar o espaço formal e o espaço semântico, o que pressupõe uma definição autônoma das diversas unidades formais e semânticas, sem o uso de critérios de um espaço para a definição de unidades do outro. Por isso, temos que decidir o que é um “verbo”: uma forma ou um significado? Para nós, uma forma.

### **2.4 Construções de particípio**

As construções de participio como

*Acabada a reunião, ele saiu.*

serão desconsideradas no presente estudo, visto que não se trata de valência verbal e sim, de uma forma mais próxima de adjetivo, não tendo, por conseguinte, diáteses verbais.

Segundo Perini (*ms*), é importante ressaltar, no que diz respeito ao participio, que esse termo cobre duas formas morfológicamente parecidas, porém com comportamento gramatical bem distinto, sendo apenas uma delas forma verbal que poderia se associar a diáteses.

Se considerássemos as propriedades da palavra *consertado* em:

[1] *Paulo tinha consertado o freezer.*

[2] *O freezer consertado é aquele ali.*

diríamos que em [1] *consertado* é invariável, ao passo que em [2] funciona como um elemento modificador, tendo inclusive variação de gênero e número: *o freezer consertado, a máquina consertada, as máquinas consertadas...* Denominaremos o primeiro participio de verbal e o segundo de nominal.

Existem diferenças morfológicas e semânticas que distinguem esses dois participios.

Morfologicamente, o participio nominal parece fazer parte de um grupo de nominais – “adjetivos” -, derivados do verbo, mas não propriamente fazendo parte do lexema verbal. Ocorre concordância nominal com este participio em relação ao SN a que se refere, o que não é possível com o participio verbal:

[3] *O livro lido / a revista lida*

[4] *Ele tinha lido o livro / a revista.*

No exemplo 4, *lido* faz parte do lexema verbal e não admitiria a forma feminina *lida* quando seguido do SN *revista*, pois nenhuma forma verbal varia em gênero.

Semanticamente, podemos dizer que também existem diferenças entre os dois participios, pois a relação entre o participio nominal e o verbo correspondente não apresenta regularidade como a que se percebe no caso do participio verbal. Alguns participios nominais atribuem ao núcleo de seu SN o papel temático de Paciente, e isso é em geral considerado típico desses itens: em *o freezer consertado*, o freezer é Paciente do conserto. No entanto, há casos em que o participio não se refere a um SN Paciente: *um rapaz aborrecido*, *uma mulher animada* etc.

Essa situação, porém, não ocorre dentro do paradigma verbal. No caso do participio verbal, este atribui a seu sujeito o mesmo papel temático que o verbo correspondente, e o fato de haver um verbo no participio na construção não é relevante:

[5] *Paulo arrumou o quarto. / Paulo tinha arrumado o quarto.* [Paulo = Agente]

[6] *Ele enfraqueceu. / Ele tinha enfraquecido.* [Ele = Paciente]

É por isso que podemos afirmar que o participio verbal se caracteriza por possuir a diátese do verbo correspondente, ao passo que o participio nominal se comporta como adjetivo, não tendo diáteses verbais, motivo que nos leva a desconsiderar em nossa análise casos em que os verbos em estudo se apresentem no participio nominal – isso inclui, notadamente, as estruturas passivas.

## 2.5 Verbos auxiliares

Existem verbos que ocorrem em certas funções sintáticas onde a rigor não possuem valência. Assim, desconsideraremos que tenham diátese quando funcionarem como auxiliar, já que na oração em que eles aparecem haverá

sempre um outro verbo, e serão exatamente as diáteses desse outro verbo que prevalecerão. Exemplos como

*O professor desanimou a turma / O professor acabou desanimando a turma.*

*O rapaz desanimou. / O rapaz acabou desanimando.*

*A mulher engordou. / A mulher acabou engordando.*

*Ele chegou. / Ele acabou de chegar.*

*\*O professor desmaiou a menina. / \* O professor acabou desmaiando a turma.*

mostram que *acabar*, quando precede um verbo em forma infinitiva ou gerundiva, não tem valência própria e sim, o verbo que o acompanha. É possível argumentar que a ocorrência com outro verbo, seja no gerúndio, no infinitivo com *de* ou *por* etc, é um elemento que subclassifica *acabar*. Também pode-se dizer que esse outro verbo é complemento de *acabar*. No entanto, seguindo as diretrizes do projeto Valências do português (coordenado por M. A. Perini na PUC Minas), optamos por estudar exclusivamente as estruturas unioracionais, para evitar o acúmulo de problemas neste estágio da pesquisa. Desse modo, frases como *Vai terminar o curso acabando* também não serão analisadas.

## CAPÍTULO 3

### 3.1 Diáteses verbais e estrutura sentencial

Existem estudos que definem o léxico de uma língua como sendo uma parte acessória da gramática, uma lista de irregularidades básicas. Enquanto a gramática estaria associada a um repositório de informação generalizada, o léxico seria o repositório da informação particularizada, ligada a itens individuais ou a pequenos grupos de itens. Essa visão demonstra uma aspiração de um léxico ideal, que pressuponha as informações mínimas necessárias e que, dessa forma, forneça um registro preciso de dados idiossincráticos associados a cada item lexical de uma língua.

Porém essa perspectiva de perceber o léxico de uma língua oferece uma visão incompleta do conhecimento lexical como um todo, visto que o conhecimento que um falante demonstra com relação aos itens lexicais de sua língua inclui mais informações do que simples propriedades idiossincráticas das palavras que utiliza.

Se considerarmos, por exemplo, que o verbo *estar* ocorre com a preposição *com* em frases como

[1] *Eu estou com dor de cabeça / um namorado novo / um emprego na CEMIG*

essa é uma propriedade léxica do verbo. Mas essa propriedade se relaciona sistematicamente com outra, com o verbo *ter*. Em geral, um verbo que ocorre em [1], também ocorre em [2]

[2] *Eu tenho dor de cabeça / um namorado novo / um emprego na CEMIG*

A relação semântica também é sistemática: a construção de [1] denota um fato momentâneo ao passo que [2] se refere a alguma coisa habitual ou permanente. Assim, dizemos

[3] *Eu tenho dor de cabeça depois do almoço.*

Nesse último exemplo, porém, não seria adequado permutar *ter* por *estar*.

Essas informações têm que ser associadas aos itens léxicos *estar* e *ter*, mas não são idiossincráticas, porque exprimem um fato geral da língua, válido para mais de um verbo. O léxico e a gramática estão entrelaçados aqui, e a relação entre [1] e [2] não pode ser expressa sem referência a itens léxicos (a relação formal e semântica entre *estar* e *ter*) e regras (*estar* + *com*, com significado habitual, *ter* + objeto direto, com significado permanente). Seria inadequado colocar isso só no léxico ou só na gramática.

Essa é uma posição que vem sendo assumida atualmente por muitos lingüistas; por exemplo, Culicover & Jackendoff (2005) afirmam que a distinção tradicional entre léxico e gramática é errônea.

Nisso, eles se opõem à posição tradicional de que o léxico é na verdade um apêndice de gramática, uma lista de irregularidades básicas (Bloomfield, 1933).

O estudo das valências verbais ilustra muito bem a relação íntima que existe entre léxico e gramática.

Reconhece-se universalmente a importância do verbo para o processamento de estruturas sentenciais, já que ele é a pista principal que permite elaborar hipóteses sobre a organização formal e a interpretação semântica da sentença. Tomemos como exemplo o verbo *encher* nas duas estruturas abaixo:

[ 4 ] *O homem encheu o balde rapidamente.*

[ 5 ] *O balde encheu rapidamente.*

Podemos dizer, do ponto de vista da forma, que essas duas estruturas se diferenciam pela presença ou ausência de objeto direto. Mas há uma diferença

importante de ordem simbólica: quando uma sentença com *encher* apresenta objeto direto, o sujeito é interpretado como Agente; quando não há objeto direto, o sujeito é Paciente. Já se compararmos [ 5 ] e [ 6 ]

[ 6 ] *Esse remédio cura rapidamente.*

podemos dizer que apresentam a mesma estrutura sintática, mas que há uma diferença semântica fundamental: em [ 6 ], embora não haja objeto direto, o sujeito é Agente (entendo aqui o Agente como elemento causador, voluntário ou não).

Allerton (1982) fez uma classificação dos verbos do inglês quanto a suas valências, mas considerando exclusivamente o aspecto formal. Para ele, só existiria uma construção, no caso composta de SN+V. Ou seja, para ele construções como *o leite ferveu* e *o cachorro latiu* não se diferenciam.

Na verdade, uma classificação puramente formal (que no caso se referiria a sua regularidade ou não, à possibilidade de coocorrência com determinados sintagmas em determinadas funções – por exemplo, a possibilidade de ocorrer com ou sem objeto direto -, dentre outros aspectos) ou puramente semântica (se exprime ação, por exemplo) deixa escapar aspectos importantes do funcionamento dos verbos. É necessário assumir uma perspectiva simbólica, isto é, de relação entre forma e significado, e só assim se pode caracterizar o conhecimento que é necessário ao usuário para produzir e interpretar as estruturas da língua. Ou seja, há verbos como *curar*, cujo sujeito é sempre Agente (deixando de lado a construção passiva, que não é levada em conta neste estudo), e verbos como *encher*, cujo sujeito será Agente ou Paciente, dependendo da construção em que ocorre. Aos tipos de construção que podem servir de base para subclassificar os verbos, dá-se o nome de diátese verbal, que constitui um componente do estudo que se pode chamar de descrição das valências verbais.

Assim, a formulação das diátesses é parte da informação que um falante precisa dominar a respeito dos itens léxicos, uma vez que elas exprimem parte das propriedades que são específicas de itens léxicos individuais.

### 3.2 Formulando diáteses

Estudar as diáteses de um verbo implica fazer uma análise minuciosa de parte da estrutura da sentença – a saber, o verbo e seus complementos, deixando de lado casos óbvios de adjuntos -; verificar se esta é formada, por exemplo, simplesmente de sujeito e verbo (SV) ou de sujeito, verbo e objeto (SVO), por exemplo; ou, ainda, averiguar qual é a relação semântica que liga cada complemento ao verbo (Agente, Paciente etc). O estudo das diáteses constitui, portanto, um estudo da subclassificação dos verbos enquanto elementos estruturadores das sentenças produzidas pelos falantes. Já o termo valência verbal representaria o conjunto das diáteses de um verbo. Assim, se tomarmos, por exemplo, o verbo *estudar* em suas possibilidades de ocorrência, como em

- a) *O rapaz estuda.*
- b) *O rapaz estudou a lição.*

em que a estrutura (a) é formada por SN(Agente)+ V e a estrutura (b) por SN(Agente) + V + SN(Paciente), poderemos dizer que cada uma delas constitui uma diátese desse verbo e o conjunto dessas ocorrências, isto é, (a) e (b) conjuntamente constitui parte da valência de *estudar*.

Nossa posição é de que a pesquisa das diáteses e a definição das funções sintáticas precisam se desenvolver paralelamente. O estudo das diáteses acaba por depender da definição das funções sintáticas do enunciado que se pretende analisar, já que implica analisar o verbo em relação aos SN, Sadj, SAdv ou Sprep que porventura estejam presentes na sentença.

O sistema aqui adotado (que é proposto por Perini, *ms*) faz uso mínimo de funções sintáticas abstratas. Limita-se a definir o sujeito como o sintagma nominal que elabora o papel temático também expresso pelo sufixo de pessoa-número. Como se vê, é uma relação simbólica, mas é vinculada a determinadas posições na oração, posições estas que variam segundo o verbo ou detalhes da estrutura. Por exemplo, com o verbo *comer* pode ser o que vem logo antes ou o que vem

logo depois do verbo. Note-se que no caso de *cair* só ocorre um SN (*cair* nunca tem objeto direto), de modo que não há possibilidade de incerteza.

Quanto às demais funções, são definidas simplesmente pela posição ou posições que ocupam (por exemplo, o objeto direto, identificado com o SN que ocorre depois do verbo ou, em caso de topicalização, no início da oração, antes do sujeito) ou pela estrutura (como no caso dos complementos representados por sintagma preposicionado).

Para o nosso estudo das diáteses, cumpre considerar se há ou não presença de complementos nas ocorrências estudadas. Um complemento se entende como um constituinte (um sintagma) que se relaciona de determinada maneira, tanto formal quanto semanticamente, com o verbo principal da oração. Cada verbo se subcategoriza em termos dos complementos que aceita ou deixa de aceitar (observe-se que, no fundo, temos aqui a noção de “regência” da gramática tradicional). Assim, há verbos que aceitam objeto direto com o papel temático de Paciente e verbos que não aceitam objeto direto, ou aceitam com outro papel temático. Vejam-se os exemplos:

*O professor corrigiu a prova.* ( em que *a prova* funciona como objeto direto com papel temático de Paciente);

*O tanque transbordou.* ( em que *transbordar* não aceita objeto direto);

*Zequinha ama minha irmã.* ( em que *minha irmã* é objeto direto não com papel de Paciente)

Os adjuntos, por outro lado, não são relevantes para a definição de diáteses porque não subcategorizam os verbos: por exemplo, não há verbos que exijam ou recusem vocativos.

A oposição entre complementos e adjuntos é aceita pela maioria dos lingüistas, e figura em pontos cruciais da gramática, muito em especial nas diáteses verbais, que se formulariam em termos de complementos e não de adjuntos. No entanto, o problema de distinguir complementos de adjuntos não recebeu até hoje uma solução satisfatória. Boa parte da discussão que há se limita a notas de caráter teórico, sem preocupação de operacionalização descritiva. Como resultado, sabemos o que é um adjunto ou um complemento dentro de várias teorias; mas não temos instrumentos adequados para distinguir adjuntos de complementos ao analisarmos enunciados reais. (PERINI, *ms*)

Para o estudo das diáteses verbais, somente os complementos é que serão considerados, deixando-se de lado os adjuntos, no caso irrelevantes. Sendo assim, merece atenção a tentativa de diferenciar esses dois tipos de funções.

Sabe-se que existem verbos que recusam ou exigem objeto direto, ou complemento de lugar, ou complemento regido por preposição, como:

*comprar* (exige objeto direto)

*acordar* (recusa objeto direto)

*ir* ( exige complemento de lugar: *vou à universidade*)

*simpatizar* ( exige complemento precedido de *com*: *simpatizo com você*)

e assim por diante. No entanto, não há nenhum verbo que exija ou recuse um vocativo, ou um adjunto adverbial de causa, por exemplo. Adjuntos se acrescentam às orações conforme a conveniência semântica, e não precisam adequar-se às exigências do verbo.

Daí provém a importância de se conceituar claramente o que vem a ser um complemento e um adjunto. A tendência percebida na literatura é a de tomar adjunto e complemento como:

**adjunto** [...] Uma categoria que é modificadora de um núcleo lexical sem ser subcategorizada por esse núcleo lexical e que poderia em princípio ser removida sem afetar a boa formação [...]

**complemento** [...] Qualquer constituinte [...] que é subcategorizado por [um] núcleo lexical.

[TRASK, 1992, p. 8 e 51]

Assim, os critérios geralmente invocados para distinguir complementos de adjuntos referem-se ao fato de poderem ou não ser retirados sem que se afete a aceitabilidade da frase.

Porém, se considerarmos que o complemento é termo exigido pelo verbo, isto é, de presença obrigatória, teremos de admitir que o objeto direto é complemento em alguns casos e adjunto em outros. O objeto seria de presença obrigatória, por exemplo, em:

[1] *Ana arranjou um guarda-roupa.*

(note-se que não se pode usar *arranjar*, no sentido de *organizar*, sem objeto direto).

Mas haveria casos em que esse verbo admitiria a presença do objeto direto ou sua ausência como em:

[2] *Ana já comeu a torta.*

[3] *Ana já comeu.*

A frase [3] é natural e pode ocorrer em contextos não-anafóricos, e seu objeto não explicitado remete ao espaço semântico - no caso, a um argumento da estrutura do significado - e não mais diretamente a um termo da oração.

Alguns poderiam argumentar que, mesmo que o objeto não esteja explicitado na frase [3], é necessário subentender que alguma coisa, mesmo não especificada, foi comida, ou seja, não se concebe o ato de *comer* sem que haja um Paciente. Por isso, segue o argumento, o objeto direto seria um complemento. Esse raciocínio pressupõe uma definição semântica de complemento, como um argumento necessariamente presente na representação semântica, e expresso ou não formalmente.

Mas isso nos levaria a conclusões inconvenientes. Na frase,

[4] *O menino nasceu em Recife.*

entende-se que *em Recife* é adjunto, e que o verbo *nascer* não tem complemento. Mas, é claro que não se pode conceber o evento de *nascer* sem que se processe em algum lugar. Assim, se dissermos

[5] *O menino nasceu.*

teremos que subentender uma localização para esse nascimento, embora não-especificada (tal como o Paciente de *comer* em [3] acima), de modo que, se seguirmos o critério de exigência, mesmo que subentendida, de um lugar para *nascer*, esse critério indicaria *em Recife* como complemento em [5], contrariando a análise tradicional.

Se, por outro lado, dissermos que *em Recife* é complemento em

[6] *Ele já morou em Recife.*

porque nessa frase, isto é, com esse verbo, é exigido, cairemos no critério de que um complemento é sempre exigido – o que, como vimos, nos deixa em dificuldades no caso de frases como

[3] *Ana já comeu.*

Finalmente, não se pode argumentar que a função de *em Recife* é diferente em [4] e em [6], porque a diferença de funções viria justamente de se tratar de um complemento em [6] e de um adjunto em [4]. Vemos, portanto, que a análise tradicional para definição de complemento e de adjunto é falha e, por isso, deixaremos de lado a análise das diáteses considerando-se adjuntos. Aqui, na falta de uma solução realmente satisfatória, vou seguir as distinções tradicionais, em geral resultado de consenso, embora não se saiba exatamente qual é a base desse consenso.

É interessante notar que a definição dos papéis temáticos também vai depender da observação das diáteses. Por exemplo: O que é um Agente? Inclui ou não inclui um causador involuntário? Essas perguntas não estão satisfatoriamente respondidas na literatura. Mas nós podemos dar uma indicação para respondê-las, pelo menos parcialmente: se se observar que, para efeitos de diáteses, o agente voluntário e o não voluntário (*o vento derrubou a árvore*) não se distinguem – ocorrem nas mesmas condições gramaticais, de modo que não é necessário distingui-los para a descrição das diáteses – então podemos dizer que Agente não precisa ser voluntário, e *o vento* é Agente na frase acima.

Uma construção transitiva se define em termos simbólicos como tendo um sujeito com o papel semântico de Agente e um objeto com o papel de Paciente, como em *Ana corrigiu as atividades*.

Classifica-se como ergativa uma estrutura que não apresenta objeto direto e tem o sujeito com o papel de Paciente. Formalmente, a construção ergativa se realiza em termos de um sintagma nominal mais um verbo como se vê em

[7] *O navio afundou*

[8] *A água derramou.*

Podemos resumir essa construção em:

### **Construção ergativa**

SN                      Verbo

Paciente

Nota-se que a valência dos verbos das frases acima remete a um sujeito Paciente. Dessa forma, o usuário da língua precisa estar de posse da valência do verbo, ou seja, saber a qual classe valencial o verbo pertence (sua subclassificação) para interpretar uma construção como ergativa, já que ele deverá perceber o papel temático que o sujeito exerce na sentença para poder classificá-la. É preciso ter em mente, também, que dois verbos podem ser praticamente sinônimos (portanto com o mesmo conteúdo semântico) e, ainda assim, ter valências diferentes: é o caso de *roubar* e *surrupiar*, por exemplo. Enquanto *roubar* ocorre com o Tema como objeto e a Fonte regida de *de* ou com a Fonte como objeto direto e o Tema regido de *em*, *surrupiar* (assim como seus quase sinônimos *furtar* e *tirar*) só ocorre na primeira dessas construções. Vejam-se os exemplos:

*Paulo roubou mais de três milhões da empresa.* (neste caso o Tema é objeto e a Fonte é regida de *de*)

*O homem roubou a empresa em mais de três milhões.* (em que a Fonte é objeto direto e o Tema é regido de *em*)

*Luís surrupiou mais de três milhões da empresa.* (em que o Tema é objeto direto e a Fonte é regida de *de*)

\*Luís surrupiou a empresa em mais de três milhões.

Ocorre, porém, de encontrarmos frases com estrutura sujeito e verbo e que sejam classificadas como Transitivas, nesse caso a diferenciação entre estas e as Ergativas dependerá do verbo que ocorre em cada exemplo em particular.

O receptor classificará uma sentença como

*O balde encheu rapidamente.*

como sendo Ergativa, já que o sujeito de *encher* é Paciente. Porém, se o verbo for *comer*, como em

*Esse menino come muito.*

o receptor identificará a construção como Transitiva, atribuindo ao sujeito o papel de Agente.

Pode-se dizer, assim, que o português possui (entre muitos outros) três tipos de verbos: os que ocorrem apenas na construção Transitiva como, por exemplo, *matar*; os que ocorrem na construção Transitiva ou na Ergativa como, por exemplo, *encher* (que pode ser usado em estruturas com ou sem objeto direto); e os verbos que só ocorrem na construção Ergativa, como *cair*. É com base nesse conhecimento das valências dos verbos que o receptor pode interpretar corretamente o papel do sujeito das frases acima.

O usuário da língua, estando de posse da classificação desses verbos, é capaz de produzir ou interpretar corretamente cada sentença da língua. Consegue, portanto, processar frases que em um primeiro momento não passam de simples seqüências fonéticas ou gráficas.

Podemos, portanto, afirmar que as diáteses se formulam em termos de complementos (considerando-se também o sujeito, que nem sempre se considera complemento): suas funções sintáticas, sua classe e seus papéis temáticos.

Por exemplo: a construção Ergativa se define como

### **Construção ergativa**

SN + V

Pac

Note que temos SN e V (classes), papel temático e função (aí representada apenas pela posição antes do verbo). Esses são os fatores até agora relevantes para a caracterização das diáteses. Para o presente estudo, o sujeito, conforme já se afirmou, será representado apenas pela posição antecedente ao verbo, embora saibamos que isso é uma simplificação, porque o sujeito é uma função privilegiada e se caracteriza não apenas pela posição, ou melhor, pelas posições em que ocorre, mas também por uma relação de concordância.

O sujeito é, por conseguinte, um sintagma em determinada posição e pertencente a determinada classe, a saber, um SN. Dele se diz que em muitas frases repete, ou elabora, a informação fornecida pelo sufixo de pessoa-número acerca de um dos papéis temáticos. (Perini, *ms.*)

Uma diátese é uma construção da língua que pode servir de base para caracterizar o comportamento sintático de um verbo. O verbo *ler*, por exemplo, ocorre com ou sem OD – ou seja, nas construções Transitiva e Transitiva de objeto elíptico, como, respectivamente, em:

*Ele lê muito.*

*Ele leu todos os livros daquele autor.*

Não há, porém, preocupação, para o estudo das diáteses de um verbo, se ele exige ou recusa vocativos ou adjunto adverbial de causa etc, pois esses termos são considerados adjuntos. Os adjuntos se acrescentam ou não às orações de acordo com a conveniência semântica e não precisam adequar-se às exigências do verbo.

É fundamental insistir na importância do verbo para o processamento de estruturas sentenciais. Hipóteses são formuladas pelo usuário da língua acerca da estrutura representada por uma seqüência fonética ou gráfica, em grande parte, na valência do verbo que ocorre na seqüência. Por exemplo, se o verbo é *ler*, levanta-se a expectativa de que deve haver um Paciente e um Agente animado; se o verbo é *está*, nenhuma dessas expectativas será levantada.

Como se vê, o conhecimento das propriedades de cada verbo é um ingrediente fundamental do processo de interpretação, pois possibilita a formulação de hipóteses sobre a estrutura e o significado das sentenças. E dentre

as propriedades dos verbos, saliento a valência de cada um – ou seja, o conjunto de diáteses que o acompanham, e que fornecem informação sobre as estruturas sintáticas em que se insere, assim como sobre alguns traços semânticos importantes dessas estruturas.

Em conclusão, os verbos se definem em termos de uma lista de construções em que cada verbo pode ocorrer. Para dar um exemplo: o verbo *enxugar* pode ocorrer nas seguintes construções:

1) Construção transitiva

SN    V    SN

Ag            Pac

Ex: A faxineira enxugou o chão.

---

2) Construção de objeto elíptico

SN        V

Ag

Ex: Esse pano não enxuga. (entendendo-se que ele não serve para enxugar coisas).

---

3) Construção ergativa

SN        V

Pac

Ex: O chão já enxugou. (entendendo-se que ele já ficou seco)

Esse conjunto de construções (diáteses) constitui a valência do verbo *enxugar*.

### 3.3 Diáteses: sua definição simbólica

Exige-se, no estudo das diáteses de um verbo, que haja uma definição expressa em termos formais e semânticos das possibilidades de ocorrência do verbo em análise. Ou seja, é preciso estabelecer uma definição simbólica das construções analisadas.

Para a presente pesquisa, será necessário que nos refiramos a algumas definições de ordem simbólica de modo que se possa formular convenientemente a valência do verbo-eixo escolhido (no caso, *acabar*), assim como dos outros verbos do grupo (*iniciar, principiar, começar, terminar, findar, parar e cessar*). Assim, neste capítulo, algumas definições de ordem simbólica usadas na definição das diáteses verbais serão apresentadas e, no capítulo que segue, tomaremos um verbo-eixo para análise de suas ocorrências mediante as construções aqui apresentadas. Antes, porém, segue lista com abreviaturas de símbolos categoriais e papéis temáticos que serão utilizados na análise das construções.

#### **Símbolos categoriais**

SN = sintagma nominal

V = verbo

SAdj = sintagma adjetivo

Sprep = sintagma preposicional

Prep = preposição

#### **Papéis temáticos**

Ag = Agente

Pac = Paciente

Meta (elemento que indica fim de movimento)

Tema (elemento cuja mudança de lugar é expressa)

Fonte (início de movimento)

### **Outras convenções**

C. = construção

## **3.4 Definindo as construções**

Para estabelecermos a categorização de uma construção, utilizaremos uma descrição formal, associada a traços semânticos que possibilitem distinguir entre uma construção formal e outra. Quando necessário, será feita a exposição de problemas percebidos.

### **3.4.1 Construção Transitiva**

A construção Transitiva pode ser definida levando-se em conta os conceitos de Agente - papel temático que, em sentido amplo, exprime o elemento causador de um evento – e Paciente - entidade afetada pelo processo expresso pelo verbo e que muda de estado. Define-se, em termos simbólicos, como tendo um sujeito com o papel temático de Agente e o objeto, se presente, com papel temático de Paciente.

Podemos tomar como exemplos de construção Transitiva frases como:

[1] *O professor corrigiu as avaliações.*

[2] *A mulher arrumou toda a casa.*

Formalmente, os exemplos acima são analisados como realização da estrutura SN V SN. Semanticamente, o primeiro SN é Agente e o segundo, Paciente.

Definição:

### **Construção Transitiva**

SN	V	SN
Ag		Pac

#### **3.4.2 Construção Ergativa**

Um verbo ocorre na construção Ergativa quando não tem objeto direto e apresenta sujeito com o papel de Paciente.

Um verbo, em construção Ergativa, pode se apresentar como em:

[1] *O leite derramou.*

[2] *O doce esfriou.*

Formalmente, podemos definir os exemplos acima como realização da estrutura SN V. Semanticamente, o SN é Paciente.

Definição:

### **Construção Ergativa**

SN	V
<b>Pac</b>	

Porém somente o aspecto formal não é suficiente para caracterizar a construção Ergativa, uma vez que também é possível ocorrer a construção Transitiva sem objeto direto (no caso, composta de sujeito + verbo). Nessa situação, a diferenciação dependerá do verbo que ocorre em cada exemplo particular, que controla o papel temático do sujeito (Agente ou Paciente, conforme o caso).

Desse modo,

[3] *A água derramou.*

apresenta a construção Ergativa já que o verbo *derramar* tem um sujeito Paciente. Mas se o verbo for, por exemplo, *curar* ou *gritar* como em

[4] *Esse remédio cura rapidamente.*

[5] *Paulo gritou.*

o receptor identificará as construções como Transitivas e atribuirá ao sujeito o papel de Agente. Isso nos permite reforçar o fato de que os verbos se classificam atendendo a suas propriedades simbólicas, sendo que alguns atribuem ao sujeito o papel de Agente, enquanto outros, o papel de Paciente. Ao usuário da língua cabe produzir ou interpretar corretamente cada sentença que contenha esses verbos.

### 3.4.3 *Construção Ergativa Inversa*

O que diferencia esta construção da Ergativa é o fato de não haver SN Paciente na posição antecedente ao verbo da oração. Nota-se, assim como na construção Ergativa, a relação verbo / SN Paciente, porém o SN ocupará sempre a posição pós-verbal, como se percebe em:

*Começou a reunião.*

Definição:

#### **Construção Ergativa Inversa**

V            SN  
                 Paciente

Segundo Perini (*ms*), pares como *Acabou a festa* e *A festa acabou* não são sinônimos em todos os aspectos, mas as relações semânticas, e em especial os papéis temáticos, são preservados. Dessa forma, consideraremos, em casos de inversões, realizações de uma mesma diátese. Assim, ergativas e ergativas

inversas representam um mesmo tipo de construção e serão tratadas neste trabalho simplesmente como ergativas.

As condições de uso da forma inversa frente à não inversa têm a ver com a função comunicativa, à definidade e à carga informacional do sujeito, de maneira que às vezes uma versão é mais apropriada, às vezes a outra. Aqui não posso abordar esse problema, que é muito complexo. Ver a respeito Pontes (1986, cap.2).

#### **3.4.4 Construção Transitiva de S.Preposicional Paciente**

Nessa construção, o verbo apresenta sujeito Agente, próprio das transitivas, porém ocorre ausência de objeto direto. O que segue o verbo é um sintagma preposicionado cujo papel temático é o de Paciente, como em:

[1] *A mulher acabou com a festa.*

Formalmente, podemos definir o exemplo acima como formado por estrutura SN V SPrep. Semanticamente, o SN é Agente e o SPrep Paciente.

Definição:

#### **Construção Transitiva de S. Preposicional Paciente**

SN V SPrep

Ag Pac

#### **3.4.5 Construção Qualificativa de Meta**

Nessa construção, o verbo apresenta um SN Tema – elemento que sofre movimentação - que recebe um elemento qualificador. Entende-se a Meta, neste caso, como sendo um SAdj representante de um estado ao qual o SN Tema chega. Assim, num tempo inicial, o SN Meta não teria atingido a qualidade que no tempo final passará a apresentar. Como exemplo dessa construção temos:

[1] *Laura ficou louca.*

Formalmente, o exemplo acima se constitui de estrutura SN V SAdj. Semanticamente, o SN tem o papel temático de Paciente e pode ser visto como elemento qualificando.

Definição:

#### **Construção Qualificativa de Meta**

SN	V	SAdj.
Pac		Qualidade

#### **3.4.6 Construção Qualificativa de Sprep Meta**

Esta construção é bastante semelhante à anterior em que o verbo liga um SN qualificando a um qualificador, porém representado por um Sprep, sendo *como* a preposição utilizada nesse contexto.

[1] *Joaquim acabou como herói.*

Segundo Perini (ms),

*Como* é conjunção na gramática tradicional (v.Aurélio). Mas eu discordo dessa análise: *como* funciona como preposição em muitos casos: *ele trabalha como um burro*. A análise de *como* como conjunção vem de se aceitar a presença (presumida) de uma oração elíptica aí: *ele trabalha como um burro (trabalha)*. No nosso modelo não admitimos elementos elípticos sintaticamente relevantes, e portanto temos que analisar *como* nessas frases como preposição. Já em *ele publica como você cospe* é uma conjunção. Ou seja, *como* é uma palavra funcionalmente complexa, incluindo o potencial funcional das preposições típicas mais o de certas conjunções tradicionais. Outros exemplos: *depois de* e *antes de..* (PERINI,ms)

Formalmente, a construção é representada por SN V Sprep, sendo que, semanticamente, o SN tem papel temático de Paciente e o Sprep representa a Meta ou estado que o SN Tema atingirá.

Definição:

### **Construção Qualificativa de Sprep-meta**

SN	V	como SN
Pac		Meta

#### **3.4.7 Construção de Tema e Meta**

Nessa construção, o *verbo* liga um SN que pode ser classificado como Tema, isto é, elemento que passa a ocupar um lugar não ocupado num tempo inicial. A Meta, neste caso, é o local em que se encontra o SN num dado tempo final, como se vê em:

[1] *Paulo chegou na praia.*

O SN *Paulo*, na frase acima, passa a ocupar uma localização antes não ocupada.

Em termos formais, podemos nos referir à estrutura da sentença como formada por SN V Prep(*em*) + SN, sendo que, semanticamente, o SN Tema é Paciente e o conjunto Prep(*em*) + SN representa a Meta indicativa de local.

Definição:

### **Construção de Tema e Meta**

SN	V	Prep (em) + SN
Pac		Meta

Há indicações de que a língua trata as relações de Qualidade como se fossem de lugar (que incluem os papéis temáticos de Lugar, Meta e Fonte); isso porque, pelo menos em muitos casos, as construções são idênticas:

Paulo terminou no hospício / Paulo terminou louco.

### 3.4.8 Construção de Objeto Possuído

Nessa construção, semanticamente o primeiro SN, o sujeito, é o elemento possuidor, e o segundo SN, o objeto, é termo possuído. Assim, no exemplo

[1] *A casa acabou a água.*

o SN *a casa* pode ser tomado como o possuidor da *água*, e o verbo *acabar* tem como sinônimo os verbos *terminar*, *finalizar*, dentre outros.

Outros exemplos como *Meu carro furou o pneu* / *O menino quebrou o nariz* / *Ela perdeu o marido* podem ilustrar essa construção.

Formalmente, a construção pode ser definida em termos de SN (Possuidor) V SN (Possuído).

Definição:

#### **Construção de Objeto Possuído**

SN	V	SN
Possuidor		Possuído

## CAPÍTULO 4 - VERBOS INCOATIVOS

### 4.1 Os verbos-eixo utilizados neste estudo

Tomaremos como exemplo de elaboração da lista de construções relevantes para a formulação das diáteses de uma língua o estudo das ocorrências dos verbos *acabar* e *começar* que podem ser classificados como terminativos e incoativos, respectivamente. Esses dois verbos são, dentre os incoativo-terminativos, os de distribuição mais ampla. Portanto, é interessante começar o estudo por eles, na expectativa de que os demais tenham distribuição (valência) mais restrita; ou seja, espera-se que a valência de um verbo como *findar* seja um subconjunto da de *acabar*. Por isso, vou adotá-los como pontos de referência (verbos-eixo) para o estudo dos incoativo-terminativos em geral. Para facilitar a referência, falarei apenas de verbos incoativos; fica entendido que essa categoria engloba os incoativos e os terminativos.

Em um primeiro momento, apresentarei a lista das diáteses desses verbos, definindo cada uma em termos simbólicos. A partir daí, serão apresentados outros verbos que tenham distribuição semelhante, no todo ou em parte, a *acabar* e *começar*.

### 4.2 Acabar

O verbo *acabar*, em suas ocorrências em situações de fala espontânea, pode ser utilizado em construções como as seguintes:

[1] *Paulo acabou o ensaio às 10 horas.*

[2] *O ensaio acabou às 10 horas.*

[3] *Ana acabou com a festa.*

[4] *Laura acabou louca.*

[5] *Joaquim acabou como herói.*

[6] *Joaquim acabou no hospital.*

[7] *O carro acabou a gasolina.*

Considerando cada uma dessas construções, poderemos definir as diáteses de *acabar*. Até onde pude verificar, essas sete construções esgotam as possibilidades de ocorrência de *acabar* em estruturas unioracionais:

#### Construção transitiva

Em [1] acima (Paulo acabou o ensaio às 10 horas), podemos apontar a presença de uma **construção transitiva** em que o SN *Paulo* é o elemento Agente, seguido de verbo mais complemento Paciente – no caso, *o ensaio*. Essa estrutura SN(Ag) + V + SN(Pac) é facilmente observável em sentenças cujo verbo-eixo seja *acabar*, como se vê nos exemplos a seguir:

*Ele não acabará o exercício.*

*Você acabará o trabalho.*

*As pessoas acabaram a aula.*

#### Construção ergativa

Quanto ao exemplo [2] acima (*O ensaio acabou às 10 horas.*), podemos analisá-lo como **ergativa** uma vez que existe um SN na função sujeito Paciente acompanhado do verbo *acabar* o qual não exige nenhum outro complemento. Outros exemplos de *acabar* na construção ergativa são:

*A apresentação acabou rápido.*

*A pipoca acabou num minuto.*

*Acabou a festa.*

*Acabou o barulho.*

#### Construção de S. Prep paciente

A construção [3] (*Ana acabou com a festa*) se classifica como **transitiva de S.Preppaciente**, sendo que o sujeito Agente é representado pelo SN *Ana* e o

sintagma preposicionado com papel temático de Paciente é a expressão *com a festa*, indicador de fim de uma situação, no caso *a festa*.

#### Construção qualificativa de meta

Podemos classificar como **qualificativa de meta** a construção 4 (*Laura acabou louca*). O SN Tema *Laura* sofre movimentação recebendo um qualificador Meta representado pelo Sadj *louca*, estado ao qual o SN Tema chegou. Entende-se, pois, que o verbo *acabar* nesta construção apresenta, num tempo inicial, um SN que se apresentará de forma diferente em termos de qualificação em um estágio final.

Formalmente, o exemplo acima se constitui de estrutura SN (Tema) V SAdj. Semanticamente, o SN teria o papel temático de Paciente e poderia ser visto como elemento qualificando. O verbo *acabar*, nessa construção, apresenta semelhança com os verbos *ficar* e *tornar-se*, usados em situações como

*A mulher tornou-se louca*

*A mulher ficou louca*

#### Construção qualificativa de Sprep-meta

É **qualificativa de Sprep-meta** a sentença 5 acima (*Joaquim acabou como herói*). O verbo *acabar* liga um SN qualificando, *Joaquim*, a um qualificador, *herói*, representado por um Sprep, sendo *como* a preposição utilizada nesse contexto.

#### Construção de Tema e Meta

Quanto à construção [6] (*Joaquim acabou no hospital*) temos uma representação das estruturas do tipo **Tema e Meta**. O elemento Tema que passará a ocupar um lugar antes não ocupado num tempo inicial é o SN *Joaquim* e a Meta, neste caso o local em que se encontraria o SN num dado tempo final, é a expressão *no hospital*.

### Construção de objeto possuído

Finalmente, podemos classificar como **construção de objeto possuído** O *carro acabou a gasolina* cujo primeiro SN *o carro* relaciona-se ao segundo SN como o termo possuidor deste último, que, por outro lado, parece ser o Tema do evento *acabar* na sentença. Assim, o SN *o carro* pode ser considerado como o possuidor do evento de *acabar*, que aqui nesta construção pode ser considerado semanticamente sinônimo de *terminar*.

### 4.3 Começar

As diáteses do verbo *começar*, se comparadas às do verbo *acabar*, são em número bem menor. Isso demonstra a importância de se considerar cada verbo, em sua particularidade, em termos estruturais, quando se trata de estudar as diáteses verbais.

O verbo *começar* não aceita algumas construções que são possíveis quando se usa o verbo *acabar*. Assim, não é possível construir frases em que *começar* ocorra na estrutura transitiva de S.prep paciente:

*\*Pedro começou com a algazarra.*

Também não é aceitável uma construção do tipo qualificativa de meta como em *\*Luíza começou feliz* ou do tipo localizando e meta como em *\*Ele começou no hospital*. O verbo *começar* também não admite construção de objeto possuído como em *\*A máquina acabou o combustível*. Porém este mesmo verbo admite construções transitivas com sujeito Agente e complemento SN Paciente como se percebe abaixo:

### Construção transitiva

*O rapaz começou o namoro.*

Nesta estrutura, o SN sujeito é o elemento Agente que só pode ocupar a posição pré-verbal e se relaciona ao SN Paciente de modo a indicar um evento em sua situação inicial.

Outra possibilidade de ocorrência de *começar* é na construção ergativa:

#### Construção ergativa

*A aula começou mais cedo.*

*Começou a reunião*

O SN paciente representa um evento abstrato. Não é comum utilizar a construção ergativa com o verbo *começar* associado a um termo concreto, como por exemplo, \**O bolo começou*.

#### Construção de como SN Fonte

Finalmente, a construção *Ele começou como office-boy na empresa* é formada por SN (Agente) + V + Sprep iniciado pela preposição *como* que indica início de processo ou situação. O SN que segue essa preposição indica um elemento qualificador do SN sujeito.

### **4.4 Outros verbos incoativos**

Nesta seção, nosso objetivo é apresentar outros verbos que tenham um conjunto análogo de diáteses em relação a *acabar* e *começar*, nossos verbos-eixo. O que se pretende é, após termos estudado as valências desses verbos, apontar verbos que tenham semântica semelhante e comparar a valência de cada um com a de seu respectivo verbo-eixo.

Em nosso estudo, tomaremos como verbos semelhantes a *acabar* os verbos *terminar*, *findar*, *concluir*, *parar* e *cessar*. Quanto aos verbos semelhantes a *começar* serão estudados os verbos *iniciar* e *principiar*. A escolha desses verbos deve-se estritamente ao fato de haver identificação semântica entre os

mesmos e seus respectivos verbos-eixo. Esses 9 verbos são os únicos incoativos e terminativos usados no português falado corrente. Alguns verbos, como *encetar*, não são de uso comum atualmente; ainda outros, como *arrematar*, me parecem incluir elementos semânticos estranhos à definição de incoativo-terminativo oferecida nesta pesquisa e, por isso, foram deixados de lado.

#### 4.4.1 *Verbos semelhantes a acabar*

##### 4.4.1.1 O verbo terminar

Algumas estruturas em que ocorre o verbo *acabar* não são possíveis com *terminar*. Porém, notam-se semelhanças em algumas situações de uso como veremos a seguir.

A construção [1] de *acabar* analisada anteriormente através do exemplo *Paulo acabou o ensaio às 10 horas* também poderia ser utilizada se fizéssemos uso do verbo *terminar*, assim sendo possível algo como

*Paulo terminou o ensaio às 10 horas.*

Tanto com *terminar* como com *acabar* essa construção, definida como formada por SN(Ag) V SN(Pac) ou transitiva, admite qualquer SN pós-verbal indicativo de situação abstrata. Seria também possível um SN indicativo de algo concreto como, por exemplo, *o doce* ou *a casa* funcionando como complemento desses verbos, caso estivesse implícita a idéia de início de ação associada ao SN pré-verbal que ocupa a posição de sujeito da oração. Assim, seriam possíveis construções do tipo

*O pedreiro acabou a casa.*

*A cozinheira terminou o doce.*

em que a idéia de processo de feitura se faz presente implicitamente, isto é, se o *pedreiro acabou a casa* é porque havia sido iniciada anteriormente sua construção. O mesmo ocorre com *o doce*. Parece óbvia essa observação, mas nem sempre será possível se aceitar um SN concreto na posição após *acabar* e *terminar* como se vê em

\**O homem acabou o rio.*

\**O professor terminou a rua.*

Semanticamente, podemos afirmar que não ocorre processo de iniciação implícito do *rio* ou da *rua* ao serem utilizados nas frases acima, o que se percebe com *a casa* e *o doce* anteriormente analisados.

O verbo *terminar* também pode ser utilizado na construção ergativa:

*O ensaio terminou mais cedo hoje.*

Podemos afirmar, porém, que nem sempre o verbo *terminar* poderá ser usado em construção ergativa, restrição que não ocorre para *acabar*.

Se por um lado podemos fazer uso de *acabar* antecedido de complemento SN, que não necessariamente indique o início de uma situação, como

*O bolo acabou.*

com o verbo *terminar* só será possível a construção ergativa se ficar visível que houve a idéia de começo de situação associada ao SN utilizado:

*A aula terminou.*

Aqui se percebe que, para ter terminado a aula, é porque anteriormente havia começado.

O mesmo não seria possível se usássemos, por exemplo, o complemento SN *o bolo* em:

\**O bolo terminou.*

É também aceitável construção transitiva de Sprep paciente com o verbo *terminar*, como em:

*Paulo terminou com a namorada.*

Aqui também se nota um sujeito Agente e Sprep Paciente para o qual incide o fim de um processo ou situação.

O verbo *terminar* na construção qualificativa de meta, isto é, formada por SN(Tema) V SAdj(Qualidade + Meta) também ocorre de forma natural para o falante da língua. Assim como é possível a sentença *Ana acabou louca*, o mesmo ocorre com *Ana terminou louca* ao se permutar *acabar* por *terminar*. Aqui também o SN Tema apresenta-se, num dado tempo final, com um qualificador anteriormente não associado a ele.

Com o verbo *acabar*, a frase *Joaquim acabou como herói* representa uma construção qualificativa de Sprep meta que também seria possível se houvesse a substituição de *acabar* por *terminar* – *Joaquim terminou como herói*.

A construção do tipo Tema e Meta representada por *Joaquim acabou no hospital* soa natural também com o verbo *terminar*:

*Joaquim terminou no hospital.*

Porém, a construção do tipo objeto possuído como ocorre em *O carro acabou a gasolina* não teria seu correspondente se fosse o caso de se trocar *acabar* por *terminar*, produzindo algo como a sentença \**O carro terminou a gasolina*.

#### **4.4.1.2 O verbo findar**

O verbo *findar* tem valência mais restrita do que a de *acabar*, ocorrendo em um conjunto menor de diáteses.

Podemos aceitar o uso de *findar* em construção transitiva como em

*O rapaz findou o trabalho mais cedo.*

Mesmo assim, este verbo não é tão utilizado corriqueiramente pelos falantes da língua que, entre seu uso e o de *acabar* ou *terminar*, optam por estes últimos com mais freqüência. Porém o caráter terminativo de *findar* é visível nesta construção apesar de não tão comum.

É possível também o uso de *findar* na ergativa como se pode notar em

*O barulho findou.*

*Findou a batucada.*

A mesma observação feita com relação à naturalidade desse uso na construção transitiva aqui também se faz. Poucos falantes usariam o verbo *findar* na modalidade ergativa optando mais facilmente por *acabar* ou *terminar*.

Já a construção transitiva de Sprep paciente como em

*Ana acabou com a festa.*

não aceita o uso de *findar*.

O mesmo se pode dizer das construções qualificativa de meta, qualificativa de Sprep meta, localizando e meta e de objeto possuído, uma vez que não são aceitáveis pelos falantes da língua as seguintes frases que, respectivamente, representariam essas construções:

*\*Laura findou louca.*

*\*Joaquim findou como herói.*

*\*Joaquim findou no hospital.*

*\*O carro findou a gasolina.*

#### 4.4.1.3 O verbo concluir

Ao compararmos as valências de *acabar* e *concluir*, perceberemos, quando se utilizar o verbo *concluir* no lugar de *acabar*, que somente será aceitável a construção transitiva.

Soa perfeitamente natural ao falante da língua o uso de uma sentença como

*O médico concluiu seus estudos naquele dia.*

Mas as demais construções em que *acabar* ocorre não seriam aceitáveis com naturalidade se usássemos o verbo *concluir* em seu lugar, como se percebe a seguir:

Construção ergativa: \**O ensaio concluiu às 10 horas;*

Construção transitiva de Sprep paciente: \**Ana concluiu com a festa;*

Construção qualificativa de meta: \**Laura concluiu louca;*

Construção qualificativa Sprep meta: \**Joaquim concluiu como herói;*

Construção localizando e meta: \**Joaquim concluiu no hospital;*

Construção de objeto possuído: \**O carro concluiu a gasolina.*

Podemos dizer, enfim, que, apesar de os verbos *acabar* e *concluir* apresentarem semelhança semântica por indicarem aspecto terminativo, ainda assim apresentam valências diferentes.

#### 4.4.1.4 O verbo parar

O verbo *parar* ocorre com sentido terminativo em três tipos de construções – transitiva, ergativa e transitiva de Sprep meta paciente, apresentando, assim, algumas díateses em comum com *acabar*. Vejam-se os exemplos:

*O policial parou a briga.* (transitiva)

*A briga parou.* (ergativa)

*Os jovens pararam com a bagunça.* (Transitiva de Sprep meta paciente)

Já não seria possível, ao se utilizar o verbo *parar*, a construção do tipo qualificativa de meta em que um SN estivesse associado a um SAdj, pois algo como

*\*O homem parou louco.*

não seria comum na língua em uso.

*Parar*, ao contrário de *acabar*, não tem diátese de *como* SN Meta.

Se com o verbo *acabar* é aceitável uma frase como

*O jogador acabou como o melhor do time.*

essa mesma estrutura com o verbo *parar* não é aceitável, como em:

*\* O jogador parou como o melhor do time.*

Construção do tipo localizando e meta é até possível com *parar* visto que algo como

*O jogador parou no hospital.*

pode ser usado pelo falante. Porém é preciso atentar para o fato de que, neste caso, *parar* pode ser utilizado tanto em aspecto terminativo, indicando fim de situação, como pode significar que algo ou alguém esteve em dado lugar. É como se *O jogador parou no hospital* indicasse que o SN Tema tivesse dado uma pausa em um percurso que estivesse fazendo.

Com o verbo *parar*, construção de objeto possuído como *O carro acabou a gasolina* não é algo comum. Permutar *acabar* por *parar* numa sentença como essa seria produzir algo como

*\*O carro parou a gasolina.*

naturalmente estranha ao uso da língua.

#### **4.4.1.5 O verbo cessar**

Quanto à valência do verbo *cessar*, é possível depreender duas construções possíveis de serem utilizadas na língua.

A primeira delas seria a construção transitiva:

*O treinador cessou o treino rapidamente.*

Também poderia ocorrer em construção ergativa como se vê em:

*O treino cessou.*

*Cessou o treino.*

#### **4.4.2 *Verbos semelhantes a começar***

##### **4.4.2.1 O verbo iniciar**

Nota-se semelhança quanto às valências de *iniciar* e *começar*, uma vez que esses dois verbos podem aceitar as mesmas construções.

Na estrutura transitiva, teremos sentenças como

*O homem iniciou seu trabalho mais cedo.*

Na construção ergativa, teremos algo como

*A atividade se iniciou pela manhã.*

*Iniciou-se a atividade mais cedo.*

A construção do tipo como SN Fonte também poderia ser usada com o verbo *iniciar* em situações do tipo

*O jovem iniciou como ajudante na mercearia.*

havendo nitidamente o aspecto incoativo associado ao verbo. Apesar de aceitável uma sentença como essa, pode-se dizer que o verbo *começar* seria possivelmente mais utilizado pelo falante já que seu uso é mais comum na língua falada.

#### **4.4.2.2 O verbo principiar**

Em comparação ao verbo *começar*, o verbo *principiar* aceita dois tipos de construções comuns também àquele verbo. Porém, vale a pena ressaltar que, apesar de aceitáveis, em geral o falante opta pelo uso de *começar* em vez de *principiar*, que apresenta um uso menos freqüente na língua.

Na construção transitiva, teríamos algo como

*O juiz principiou a leitura do texto.*

perfeitamente aceitável no português.

Na construção ergativa, teríamos algo do tipo

*O trabalho principiou sem nosso apoio.*

*Principiou a palestra sem a presença de todos.*

Apesar de não serem sentenças tão usadas pelos falantes, são aceitáveis do ponto de vista estrutural.

## CAPÍTULO 5 - CONCLUSÃO

(a) Vimos, com esta pesquisa, que os verbos estudados se subclassificam quanto à valência da seguinte maneira:

Lista resumo das diáteses dos verbos incoativos								
Verbos incoativos	C. Transitiva	C. Ergativa	C. Transitiva de S. Prep. Paciente	C. Qualificativa de meta	C. Qualificativa de S. Prep Meta	C. Tema e Meta	C. Objeto Possuído	C. de como SN Fonte
Acabar	+	+	+	+	+	+	+	-
Começar	+	+	-	-	-	-	-	+
Terminar	+	+	+	+	+	+	-	-
Findar	+	+	-	-	-	-	-	-
Concluir	+	-	-	-	-	-	-	-
Parar	+	+	+	-	-	-	-	-
Cessar	+	+	-	-	-	-	-	-
Iniciar	+	+	-	-	-	-	-	+
Principiar	+	+	-	-	-	-	-	-

(b) Voltando à hipótese de Levin (1993) de que haveria uma relação íntima entre o significado e o comportamento sintático dos verbos (no que diz respeito às diáteses, pelo menos), pudemos perceber que nem sempre essa hipótese é verdadeira em se tratando de verbos incoativos e terminativos. Percebemos que entre os verbos terminativos – *acabar*, *terminar*, *findar*, *concluir*, *parar* e *cessar* - são poucas as construções em comum, dando-se destaque para semelhanças maiores entre *acabar* e *terminar*. Já quanto aos verbos incoativos, que indicam início de processo, - *começar*, *iniciar* e *principiar* – ocorrem semelhanças basicamente quanto a dois tipos de construções: transitivas e ergativas;

(c) Com esta pesquisa, foi possível perceber o quanto os estudos sobre a regência verbal na Gramática Tradicional deixam lacunas. Faz-se necessário reavaliar o como são classificados os verbos do português, de modo a que se considerem relações entre forma e significado e se cheguem a classificações mais lógicas para o usuário da língua.

## REFERÊNCIAS

ALLERTON, D.J. **Valency and the English verb**. London: Academic Press, 1982.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: Henry Holt, 1933.

BORBA, Francisco da Silva et al. **Dicionário gramatical de verbos do Português contemporâneo**. São Paulo: Ed. UNESP, 1990.

CEGALLA, Domingos Pascoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

CULICOVER, Peter W. e JACKENDOFF, Ray S. **Simpler Syntax**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HORA, Dermival da e PEDROSA, Juliene L. R. **Projeto Variação Lingüística no estado da Paraíba**. João Pessoa: Idéia, 2001

KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 1985.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar. Vol. I: Theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar. Vol II: Descriptive Application**. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, Ronald W. **Grammar and Conceptualization**. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1999.

LEVIN, Beth. **English verb classes and alternations – a preliminary investigation**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

MESQUITA, Roberto M. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1996.

NURC. **Documentação eletrônica organizada pelo projeto NURC**. São Paulo: Núcleo USP. 2002

PERINI, Mário A. **Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PERINI, Mário A. (*ms*) **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. ( a ser publicado em 2007)

PONTES, Eunice. **Estrutura do verbo no Português coloquial**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa gramática teoria e prática**. São Paulo: Atual, 1994.

TAYLOR, John R. **Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

TRASK, R. L. **A dictionary of grammatical terms in linguistics**. London: Routledge, 1992.

WENCESLAU, Fábio de Lima. **Verbos beneficiários: um estudo na interface entre semântica e sintaxe**. 2003. Dissertação de Mestrado – UFMG, Belo Horizonte.

WHITAKER – FRANCHI, Regina C. M. **As construções ergativas: um estudo sintático e semântico**. 1989. Dissertação de Mestrado – UNICAMP, Campinas.

